



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2020/21
8º LEVANTAMENTO

MAIO 2021

**VOLUME 8
NÚMERO**

8

Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias

Diretor-Presidente Substituto da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

José Ferreira da Costa Neto

Diretor-Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Bruno Scalon Cordeiro

Diretor-Executivo Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

José Ferreira da Costa Neto

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

José Jesus Trabulo de Sousa Júnior

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sérgio De Zen

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Candice Mello Romero Santos

Gerência de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Maurício Ferreira Lopes

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Jeferson Alves de Aguiar

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe técnica da Geote

Eunice Costa Gontijo

Fernando Arthur Santos Lima

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Rafaela dos Santos Souza

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

Colaboradores

Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão); Fernando Gomes da Motta (Gerpa - milho); Flávia Machado Starling Soares (Gerpa - trigo); João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão); Leonardo Amazonas (Gerpa-soja); Mozar de Araújo Salvador (Inmet); Sérgio Roberto G. S. Júnior (Geiap - arroz).

Colaboradores das superintendências

André Marques (AC); Adeildo Gomes de Santana Júnior e Bruno Barros Iales da Silva (AL); Glenda Queiroz e Thiago Augusto Maia (AM); Ednabel Lima, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro e Orfrezino Ramos (BA); Fábio Barbosa Ferraz, Elibernon Alves da Silva, José Iranildo da Silva Araújo, Luciano Gomes da Silva, Lincoln Sarli Cesar Guedes Lima, Lindeberg da Silva Magalhães, Flavio Henrique Linhares Magalhães, Francisco Antônio de Oliveira Lobato e Adriano José Rodrigues de Oliveira (CE); José Negreiros e Neodir Luiz Talini (DF); Espedito Leite Ferreira, Gerson Menezes de Magalhães, Lucas Cortes Rocha, Michel Fernandes Lima, Rogério César Barbosa, Ronaldo Elias Campos e Zirvaldo Zenid Virgolino (GO); Fernanda Karollyne Saboia do Nascimento, Margareth de Cássia Oliveira Aquino, Raimundo Nonato Araújo de Melo e Rogério Prazeres da Silva (MA); José Henrique Rocha Viana de Oliveira, Warlen César Henriques Maldonado, Alessandro Lúcio Marques, Márcio Carlos Magno, Hélio Maurício Gonçalves de Rezende, Matheus Carneiro de Souza, Samuel Valente Ferreira, Patrícia De Oliveira Sales e Pedro Pinheiro Soares (MG); Adirson Moreno Peixoto, Edson Yui, Getúlio Moreno, Lucílio de Matos Linhares e Marcelo de Oliveira Calisto (MS); Benancil Filho, Daniel Moreira, Gabriel Heise, Ismael Júnior, Patrícia Leite, Raul Azevedo, Rodrigo Slomoszynski e Rogério Souza (MT) Alexandre Augusto Pantoja Cidon e Raimundo Nonato da Cruz Filho (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Herivelton Marculino da Silva, Rodrigo Rogerio da Silva e Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Charles Erig, Daniela Freitas, Jefferson Raspante, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça e Tito Stelmachuk (PR); Edgard Sousa Sobrinho, Hécio de Melo Freitas, Francisco Honorato de Sousa, Antônio Cleiton Vieira da Silva, Thiago Pires de Lima Miranda e Valmir Barbosa de Sousa (PI); Rafael Vagner Oliveira Machado (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcideman Pereira, Janderson Maues do Nascimento e Karina de Melo (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Luciana Dall’Agnese, Marcio Renan Weber Schorr e Iure Rabassa Martins (RS); Marcelo Siste Campos, Ricardo Agustini Paschoal e Ricardo Cunha de Oliveira (SC); José Bonfim de Oliveira Santos Júnior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes e Flaviano Gomes dos Santos (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli e Ivan Donizetti (SP); Felipe Thomaz de Souza Carvalho e Jorge Antonio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Extensão Rural de Rondonia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondonia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Emater-ce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater/RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronomico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Efaeb); Bonco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (SAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agroecuaría do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater/GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater/DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater/MG) , Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater/RJ) ; Coordenadoria de Desenvolvimento Rural e Sustentável (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater/RS) e Instituto Rio-Grandense do arroz (Irga).



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2020/21
8º LEVANTAMENTO

Copyright © 2021 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Guilherme dos Reis Rodrigues, Juliana Pacheco de Almeida, Luiza Aires, Marília Yamashita e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Acervo Conab/Capa: Pixabay

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 8, safra 2020/21, n. 8, oitavo levantamento, maio. 2021.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

Ficha catalográfica elaborada por Thelma Das Graças Fernandes Sousa CBR-1/1843

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

9	RESUMO EXECUTIVO	
16	INTRODUÇÃO	
18	ANÁLISE CLIMÁTICA	
25	ANÁLISE DAS CULTURAS	
25	ALGODÃO	
34	ARROZ	
50	FEIJÃO	
64	MILHO	
85	SOJA	
96	TRIGO	
102	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO	



RESUMO EXECUTIVO

A produção de grãos no país, estimada em 271,7 milhões de toneladas, é 5,7% ou 14,7 milhões de toneladas superior ao produzido em 2019/20.

As culturas de primeira safra, com exceção do milho e arroz estão com a colheita encerrada. Para as culturas de segunda safra, para o feijão, predomina os estádios de floração e enchimento de grãos, e no milho, em face do atraso na semeadura, com um percentual significativo em desenvolvimento vegetativo e floração, a cultura dependerá muito das condições meteorológicas de maio. Por fim, as culturas de inverno terão o plantio intensificado em maio, a depender das precipitações.

Comparativamente à estimativa do mês anterior, observa-se uma perda de 2,1 milhões de toneladas. Tal redução se deve, sobretudo, ao retardamento da colheita da soja e, em consequência, o plantio de uma grande parte da área do milho segunda safra fora da janela indicada, esses problemas, aliados à baixa ocorrência de chuvas em abril, já indicam uma redução na produtividade.

Para a área plantada estima-se crescimento de 4,1% ou 2,7 milhões de hectares, situando-se em 68,6 milhões de hectares. Destaques para a soja, com aumento de 4,2% ou 1,6 milhão de hectares, e para o milho segunda safra com ganho de 8,8%, correspondendo a 1,2 milhão de hectares.



CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

**Algodão**

Produção estimada em 6 milhões de toneladas de algodão em caroço, correspondendo a 2,4 milhões de toneladas de pluma.

**Arroz**

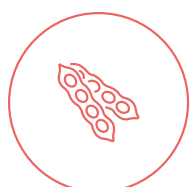
Produção estimada em 11,6 milhões de toneladas, aumento de 3,9% frente ao volume produzido na safra anterior; 10,7 milhões provém de cultivos irrigados e 0,9 milhão de plantio de sequeiro.

**Feijão**

Estimada redução de 3,6% na produção das três safras, totalizando 3,1 milhões de toneladas. A primeira safra a colheita já está concluída, a segunda, em andamento, e a terceira safra o plantio tem início a partir da segunda quinzena de abril.

**Milho**

Produção total, estimada em 106,4 milhões de toneladas, crescimento de 3,7% sobre a produção de 2019/20. São produzidas 24,7 milhões de toneladas na primeira safra, 79,8 milhões na segunda safra e 1,9 milhão na terceira safra.

**Soja**

Produção recorde estimada em 135,4 milhões de toneladas, 8,5% ou 10,6 milhões de toneladas superior à produção da safra 2019/20. O Brasil é o maior produtor mundial da leguminosa.



Culturas de inverno

Aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale: plantio ainda incipiente. Especificamente para o trigo, estimativas preliminares indicam uma área de 2,5 milhões de hectares e uma produção de 6,6 milhões de toneladas.



Culturas de verão

Amendoim: produção total estimada em 597 mil toneladas, 7,1% acima da obtida em 2019/20.



TABELA 1 - ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA - EM 1.000 HA

Brasil	Estimativa de área plantada			Safras 2019/20 e 2020/21			
Culturas de verão	Safras			Variação			
	19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
	(a)	Abr/2021 (b)	Mai/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão	1.665,6	1.413,1	1.378,5	(2,4)	(17,2)	(34,6)	(287,1)
Amendoim total	160,5	165,5	165,7	0,1	3,2	0,2	5,2
Amendoim 1ª safra	153,3	159,8	159,9	0,1	4,3	0,1	6,6
Amendoim 2ª safra	7,2	5,7	5,8	1,8	(19,4)	0,1	(1,4)
Arroz	1.665,8	1.688,3	1.687,0	(0,1)	1,3	(1,3)	21,2
Arroz sequeiro	366,9	382,2	381,6	(0,2)	4,0	(0,6)	14,7
Arroz irrigado	1.298,9	1.306,1	1.305,4	(0,1)	0,5	(0,7)	6,5
Feijão total	2.926,7	2.972,8	2.898,0	(2,5)	(1,0)	(74,8)	(28,7)
Feijão total cores	1.280,3	1.267,1	1.206,1	(4,8)	(5,8)	(61,0)	(74,2)
Feijão total preto	338,6	367,6	366,5	(0,3)	8,2	(1,1)	27,9
Feijão total caupi	1.307,8	1.338,1	1.325,4	(0,9)	1,3	(12,7)	17,6
Feijão 1ª safra	914,5	918,8	904,3	(1,6)	(1,1)	(14,5)	(10,2)
Cores	365,9	367,1	365,5	(0,4)	(0,1)	(1,6)	(0,4)
Preto	162,4	162,4	162,3	(0,1)	(0,1)	(0,1)	(0,1)
Caupi	386,2	389,3	376,5	(3,3)	(2,5)	(12,8)	(9,7)
Feijão 2ª safra	1.424,0	1.457,4	1.437,6	(1,4)	1,0	(19,8)	13,6
Cores	407,1	384,4	364,3	(5,2)	(10,5)	(20,1)	(42,8)
Preto	159,6	188,6	187,6	(0,5)	17,5	(1,0)	28,0
Caupi	857,3	884,4	885,7	0,1	3,3	1,3	28,4
Feijão 3ª safra	588,8	596,6	556,1	(6,8)	(5,6)	(40,5)	(32,7)
Cores	507,9	515,6	476,3	(7,6)	(6,2)	(39,3)	(31,6)
Preto	16,6	16,6	16,6	-	-	-	-
Caupi	64,3	64,4	63,2	(1,9)	(1,7)	(1,2)	(1,1)
Gergelim	175,0	155,0	161,1	3,9	(7,9)	6,1	(13,9)
Girassol	47,1	30,9	31,5	1,9	(33,1)	0,6	(15,6)
Mamona	45,5	47,4	47,4	-	4,2	-	1,9
Milho total	18.527,3	19.717,5	19.873,4	0,8	7,3	155,9	1.346,1
Milho 1ª safra	4.235,8	4.343,5	4.337,6	(0,1)	2,4	(5,9)	101,8
Milho 2ª safra	13.755,9	14.837,7	14.968,8	0,9	8,8	131,1	1.212,9
Milho 3ª safra	535,6	536,3	567,0	5,7	5,9	30,7	31,4
Soja	36.949,7	38.473,0	38.502,1	0,1	4,2	29,1	1.552,4
Sorgo	835,4	875,4	842,4	(3,8)	0,8	(33,0)	7,0
Subtotal	62.999,2	65.538,9	65.587,1	0,1	4,1	48,2	2.587,9
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Abr/2021 (b)	Mai/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	425,7	425,7	415,1	(2,5)	(2,5)	(10,6)	(10,6)
Canola	35,3	35,3	35,3	-	-	-	-
Centeio	4,7	4,7	4,7	-	-	-	-
Cevada	103,4	103,4	105,3	1,8	1,8	1,9	1,9
Trigo	2.341,5	2.379,4	2.457,4	3,3	4,9	78,0	115,9
Triticale	15,6	15,6	15,5	(0,6)	(0,6)	(0,1)	(0,1)
Subtotal	2.926,2	2.964,1	3.033,3	2,3	3,7	69,2	107,1
Brasil	65.925,4	68.503,0	68.620,4	0,2	4,1	117,4	2.695,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2021.



TABELA 2 - ESTIMATIVA DA PRODUTIVIDADE DE GRÃOS - EM KG/HA

Brasil	Estimativa da produtividade de grãos			Safras 2019/20 e 2020/21			
Produto	Safras			Variação			
	19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
	(a)	Abr/2021 (b)	Mai/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão - caroço (1)	2.625	2.570	2.581	0,4	(1,7)	11,1	(43,9)
Algodão em pluma	1.802	1.764	1.771	0,4	(1,7)	6,9	(30,7)
Amendoim total	3.474	3.600	3.603	0,1	3,7	3,1	128,6
Amendoim 1ª safra	3.554	3.669	3.674	0,1	3,4	5,1	120,0
Amendoim 2ª safra	1.771	1.655	1.636	(1,2)	(7,6)	(19,5)	(135,2)
Arroz	6.713	6.572	6.885	4,8	2,6	313,7	171,8
Arroz sequeiro	2.468	2.422	2.451	1,2	(0,7)	28,8	(16,9)
Arroz irrigado	7.913	7.786	8.181	5,1	3,4	395,7	268,8
Feijão total	1.104	1.106	1.071	(3,1)	(2,9)	(34,7)	(32,1)
Feijão total cores	1.568	1.578	1.548	(2,0)	(1,3)	(30,8)	(20,6)
Feijão total preto	1.504	1.602	1.500	(6,4)	(0,3)	(102,1)	(4,8)
Feijão total caupi	545	523	520	(0,6)	(4,6)	(3,0)	(25,1)
Feijão 1ª safra	1.209	1.109	1.110	0,1	(8,2)	1,0	(98,8)
Cores	1.664	1.651	1.651	-	(0,8)	0,1	(13,1)
Preto	1.927	1.527	1.532	0,3	(20,5)	5,0	(394,6)
Caupi	475	423	402	(4,9)	(15,3)	(20,7)	(72,7)
Feijão 2ª safra	874	993	922	(7,2)	5,5	(71,5)	48,0
Cores	1.398	1.613	1.466	(9,1)	4,8	(147,2)	67,7
Preto	1.155	1.752	1.549	(11,6)	34,1	(203,0)	393,8
Caupi	573	562	566	0,5	(1,3)	3,1	(7,2)
Feijão 3ª safra	1.481	1.377	1.395	1,3	(5,8)	18,3	(85,8)
Cores	1.636	1.501	1.531	2,0	(6,4)	29,9	(104,7)
Preto	725	618	618	-	(14,7)	-	(106,9)
Caupi	590	578	576	(0,3)	(2,3)	(1,9)	(13,5)
Gergelim	547	547	689	26,0	26,0	142,3	142,2
Girassol	1.590	1.630	1.709	4,8	7,5	78,7	118,8
Mamona	951	805	805	-	(15,3)	0,1	(145,8)
Milho total	5.537	5.526	5.355	(3,1)	(3,3)	(171,8)	(182,5)
Milho 1ª safra	6.065	5.644	5.689	0,8	(6,2)	45,5	(375,9)
Milho 2ª safra	5.456	5.567	5.331	(4,2)	(2,3)	(236,4)	(124,6)
Milho 3ª safra	3.305	3.440	3.417	(0,7)	3,4	(22,9)	112,1
Soja	3.379	3.523	3.517	(0,2)	4,1	(6,1)	138,2
Sorgo	2.991	3.120	3.276	5,0	9,5	155,7	285,0
Subtotal	3.960	4.059	4.020	(1,0)	1,5	(39,0)	60,0
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Abr/2021 (b)	Mai/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	1.987	2.178	2.180	0,1	9,7	2,0	193,0
Canola	912	1.255	1.255	-	37,6	-	343,0
Centeio	2.213	2.255	2.255	-	1,9	-	42,0
Cevada	3.621	3.726	3.735	0,2	3,1	9,0	114,0
Trigo	2.663	2.678	2.702	0,9	1,5	24,0	39,0
Triticale	2.628	2.840	2.839	-	8,0	(1,0)	211,0
Subtotal	2.576	2.626	2.649	0,9	2,8	23,0	73,0
Brasil (2)	3.899	3.997	3.959	(0,9)	1,6	(37,5)	60,8

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2021.



TABELA 3 - ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO DE GRÃOS - EM 1.000 T

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2019/20 e 2020/21			
Produto	Safras			Variação			
	19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
	(a)	Abr/2021 (b)	Mai/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão - caroço (1)	4.371,3	3.631,1	3.557,6	(2,0)	(18,6)	(73,5)	(813,7)
Algodão em pluma	3.001,6	2.493,6	2.441,9	(2,1)	(18,6)	(51,7)	(559,7)
Amendoim total	557,5	595,8	597,0	0,2	7,1	1,2	39,5
Amendoim 1ª safra	544,8	586,3	587,5	0,2	7,8	1,2	42,7
Amendoim 2ª safra	12,7	9,5	9,5	-	(25,2)	-	(3,2)
Arroz	11.183,4	11.094,8	11.615,5	4,7	3,9	520,7	432,1
Arroz sequeiro	905,5	925,7	935,2	1,0	3,3	9,5	29,7
Arroz irrigado	10.277,9	10.169,1	10.680,3	5,0	3,9	511,2	402,4
Feijão total	3.222,1	3.288,0	3.105,1	(5,6)	(3,6)	(182,9)	(117,0)
Feijão total cores	2.008,0	1.999,8	1.866,4	(6,7)	(7,1)	(133,4)	(141,6)
Feijão total preto	509,5	588,9	549,6	(6,7)	7,9	(39,3)	40,1
Feijão total caupi	712,6	699,6	689,0	(1,5)	(3,3)	(10,6)	(23,6)
Feijão 1ª safra	1.105,6	1.018,8	1.003,5	(1,5)	(9,2)	(15,3)	(102,1)
Cores	609,0	605,9	603,3	(0,4)	(0,9)	(2,6)	(5,7)
Preto	313,0	248,1	248,7	0,2	(20,5)	0,6	(64,3)
Caupi	183,6	164,9	151,5	(8,1)	(17,5)	(13,4)	(32,1)
Feijão 2ª safra	1.244,7	1.447,9	1.325,7	(8,4)	6,5	(122,2)	81,0
Cores	569,2	619,9	533,9	(13,9)	(6,2)	(86,0)	(35,3)
Preto	184,5	330,6	290,7	(12,1)	57,6	(39,9)	106,2
Caupi	491,1	497,4	501,0	0,7	2,0	3,6	9,9
Feijão 3ª safra	872,1	821,6	776,0	(5,6)	(11,0)	(45,6)	(96,1)
Cores	822,1	774,0	729,2	(5,8)	(11,3)	(44,8)	(92,9)
Preto	12,0	10,2	10,2	-	(15,0)	-	(1,8)
Caupi	37,9	37,3	36,5	(2,1)	(3,7)	(0,8)	(1,4)
Gergelim	95,8	84,8	111,1	31,0	16,0	26,3	15,3
Girassol	74,9	50,4	53,9	6,9	(28,0)	3,5	(21,0)
Mamona	43,3	38,1	38,1	-	(12,0)	-	(5,2)
Milho total	102.586,4	108.965,6	106.413,5	(2,3)	3,7	(2.552,1)	3.827,1
Milho 1ª safra	25.689,6	24.512,9	24.676,8	0,7	(3,9)	163,9	(1.012,8)
Milho 2ª safra	75.053,2	82.608,1	79.799,4	(3,4)	6,3	(2.808,7)	4.746,2
Milho 3ª safra	1.843,6	1.844,7	1.937,3	5,0	5,1	92,6	93,7
Soja	124.844,8	135.540,3	135.408,8	(0,1)	8,5	(131,5)	10.564,0
Sorgo	2.498,4	2.731,7	2.759,8	1,0	10,5	28,1	261,4
Subtotal	249.477,9	266.020,6	263.660,4	(0,9)	5,7	(2.360,2)	14.182,5
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Abr/2021 (b)	Mai/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	845,7	927,1	904,8	(2,4)	7,0	(22,3)	59,1
Canola	32,2	44,3	44,3	-	37,6	-	12,1
Centeio	10,4	10,6	10,6	-	1,9	-	0,2
Cevada	374,4	385,3	393,3	2,1	5,0	8,0	18,9
Trigo	6.234,6	6.371,0	6.639,5	4,2	6,5	268,5	404,9
Triticale	41,0	44,3	44,0	(0,7)	7,3	(0,3)	3,0
Subtotal	7.538,3	7.782,6	8.036,5	3,3	6,6	253,9	498,2
Brasil (2)	257.016,2	273.803,2	271.696,9	(0,8)	5,7	(2.106,3)	14.680,7

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2021.



TABELA 4 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF – PRODUTOS SELECIONADOS

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados(*)						Safras 2019/20 e 2020/21		
Região/uf	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3.293,2	3.546,5	7,7	3.537	3.393	(4,1)	11.649,6	12.032,6	3,3
RR	76,6	94,0	22,7	4.103	4.010	(2,3)	314,3	376,9	19,9
RO	602,5	663,4	10,1	3.992	3.792	(5,0)	2.405,3	2.515,9	4,6
AC	47,5	48,7	2,5	2.147	2.386	11,1	102,0	116,2	13,9
AM	18,7	20,9	11,8	2.230	2.507	12,4	41,7	52,4	25,7
AP	24,4	24,2	(0,8)	2.574	2.579	0,2	62,8	62,4	(0,6)
PA	963,4	1.108,1	15,0	2.979	2.973	(0,2)	2.870,1	3.294,9	14,8
TO	1.560,1	1.587,2	1,7	3.752	3.537	(5,7)	5.853,4	5.613,9	(4,1)
NORDESTE	8.187,7	8.430,4	3,0	2.823	2.869	1,7	23.109,9	24.190,0	4,7
MA	1.605,1	1.655,1	3,1	3.489	3.590	2,9	5.600,2	5.941,6	6,1
PI	1.535,2	1.616,6	5,3	3.282	3.302	0,6	5.038,5	5.337,7	5,9
CE	913,1	943,9	3,4	875	664	(24,0)	798,7	627,2	(21,5)
RN	118,3	112,5	(4,9)	538	456	(15,2)	63,6	51,3	(19,3)
PB	212,9	211,3	(0,8)	649	748	15,3	138,1	158,1	14,5
PE	465,2	456,6	(1,8)	676	615	(9,0)	314,4	280,7	(10,7)
AL	78,2	82,7	5,8	1.331	1.364	2,5	104,1	112,8	8,4
SE	162,5	162,5	-	5.843	5.853	0,2	949,5	951,1	0,2
BA	3.097,2	3.189,2	3,0	3.261	3.364	3,2	10.102,8	10.729,5	6,2
CENTRO-OESTE	28.480,6	29.473,3	3,5	4.349	4.294	(1,3)	123.866,9	126.544,8	2,2
MT	17.212,4	17.720,0	2,9	4.351	4.294	(1,3)	74.898,9	76.083,2	1,6
MS	5.029,5	5.417,1	7,7	4.085	4.114	0,7	20.548,0	22.285,6	8,5
GO	6.074,3	6.170,2	1,6	4.535	4.430	(2,3)	27.547,2	27.333,4	(0,8)
DF	164,4	166,0	1,0	5.309	5.076	(4,4)	872,8	842,6	(3,5)
SUDESTE	5.855,0	6.404,6	9,4	4.214	4.207	(0,2)	24.671,6	26.941,3	9,2
MG	3.492,8	3.982,1	14,0	4.401	4.368	(0,8)	15.371,3	17.392,2	13,1
ES	26,0	21,9	(15,8)	1.823	1.986	9,0	47,4	43,5	(8,2)
RJ	2,7	2,2	(18,5)	2.000	2.227	11,4	5,4	4,9	(9,3)
SP	2.333,5	2.398,4	2,8	3.963	3.961	-	9.247,5	9.500,7	2,7
SUL	20.108,1	20.765,6	3,3	3.666	3.948	7,7	73.718,2	81.988,2	11,2
PR	9.807,2	10.208,2	4,1	4.166	3.894	(6,5)	40.854,0	39.751,4	(2,7)
SC	1.287,0	1.322,7	2,8	5.075	4.472	(11,9)	6.530,9	5.915,1	(9,4)
RS	9.013,9	9.234,7	2,4	2.921	3.933	34,6	26.333,3	36.321,7	37,9
NORTE-NORDESTE	11.480,9	11.976,9	4,3	3.028	3.024	(0,1)	34.759,5	36.222,6	4,2
CENTRO-SUL	54.443,7	56.643,5	4,0	4.082	4.157	1,8	222.256,7	235.474,3	5,9
BRASIL	65.924,6	68.620,4	4,1	3.899	3.959	1,6	257.016,2	271.696,9	5,7

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2021.



INTRODUÇÃO

Seguindo o calendário de divulgações, a Conab apresenta o oitavo levantamento da safra 2020/21 de grãos, com informações atualizadas das culturas de primeira e segunda safras e de inverno em relação à área plantada, à produtividade média e à produção. Além disso, discorre sobre o andamento das operações de plantio, crescimento, desenvolvimento e colheita dessas culturas e as condições encontradas nas regiões produtoras.

Como parte do aprimoramento dos levantamentos e análises dos dados de safra, desde outubro de 2020, a Conab passou a divulgar, semanalmente, o progresso de safras das principais culturas, disponível no site <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/progresso-de-safra>, mantendo-se como referência a produção de dados e informações para o agronegócio brasileiro. Nos arquivos de progresso de safra é possível acompanhar a evolução do plantio, colheita e a fenologia das lavouras.

O levantamento é fruto do trabalho realizado por cerca de 80 técnicos das superintendências regionais, distribuídas em todas as Unidades da Federação.



Neste trabalho, além da pesquisa subjetiva, são utilizados métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, análises fitotécnicas, mercadológicas e de mercado, bem como outras informações que complementam os métodos citados.



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE ABRIL

Em abril, os maiores volumes de chuva ocorreram principalmente nas Regiões Norte e norte do Nordeste. Na Região Norte, os totais ficaram acima da média na maioria das localidades. A precipitação total ficou na faixa entre 150 mm e 500 mm em praticamente todos os estados, com exceção de Rondônia, onde os volumes ficaram entre 70 mm e 100 mm. Destaque para Belém, capital paraense, com precipitação total de 501 mm em abril, superando a média histórica de 424 mm.

No mesmo período, os acumulados de precipitação na Região Sul foram abaixo da média na maioria das localidades, com totais que variaram entre 30 mm e 60 mm. Contudo, no sul do Rio Grande do Sul e leste de Santa Catarina, os volumes ficaram na faixa entre 70 mm e 120 mm, atingindo a média em algumas localidades.

No Centro-Oeste, os volumes de chuva em abril foram abaixo da média principalmente no Mato Grosso e no sul do Mato Grosso do Sul, com totais

¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet - Brasília.



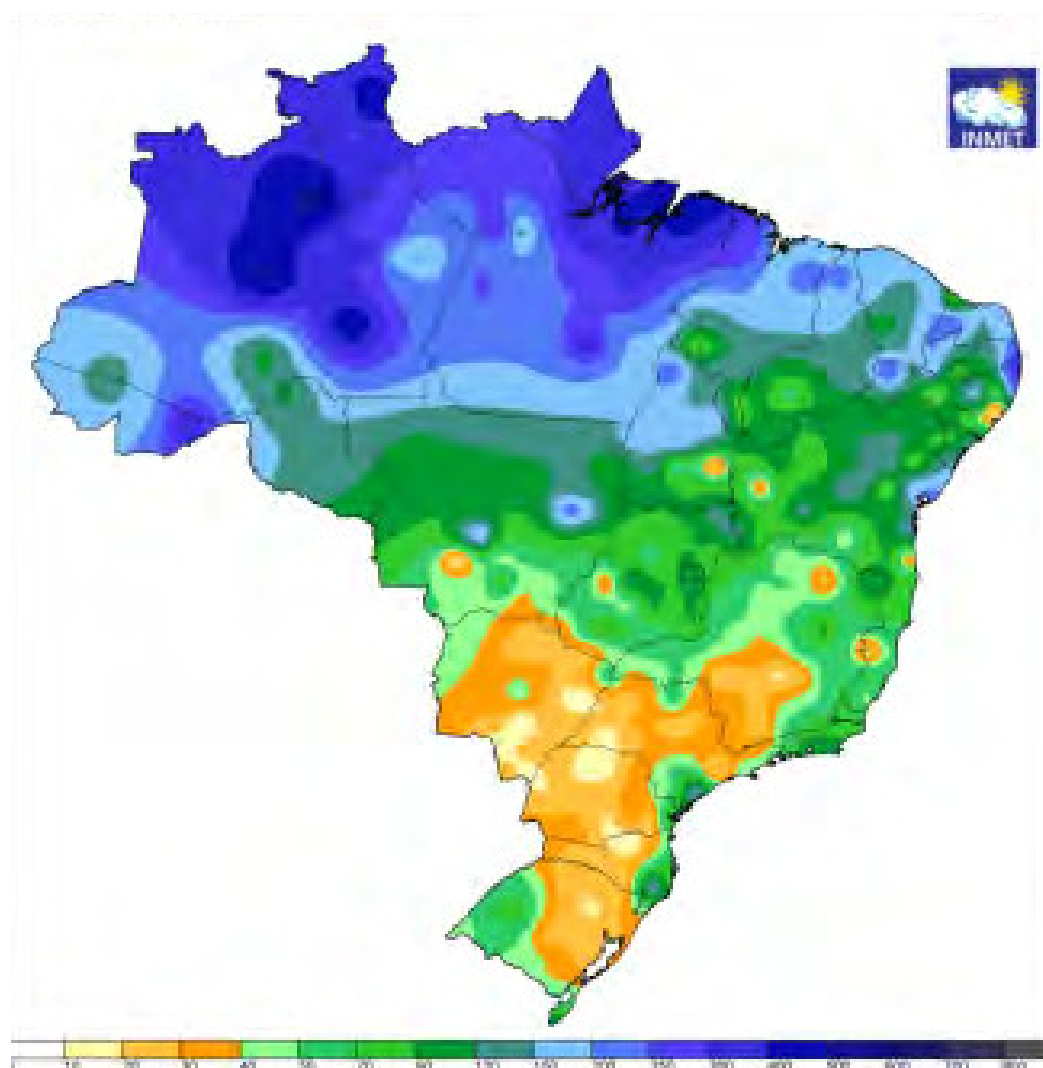
variando entre 30 mm e 50 mm. Em áreas de Goiás, centro-norte do Mato Grosso do Sul e no Distrito Federal, os volumes foram mais elevados, com totais entre 70 mm e 200 mm, dentro da faixa normal de precipitação para o mês.

No Sudeste houve grande contraste na distribuição espacial das chuvas. Os menores volumes ocorreram no Espírito Santo, no Rio de Janeiro, no centro-norte de Minas Gerais e na faixa leste de São Paulo, com totais na faixa entre 50 mm e 120 mm. Nas demais localidades de São Paulo e centro-sul de Minas Gerais, os totais variaram entre 20 mm e 50 mm.

Na Região Nordeste, abril marcou o início da quadra chuvosa no leste da região, entre Salvador e Natal, com totais acumulados no mês, entre 120 mm e 300 mm, dentro da faixa normal do período. Entre o norte do Maranhão e o sul do Ceará, os totais variaram entre 120 mm e 250 mm, dentro da faixa normal ou abaixo. Nas demais localidades da Região Nordeste, os volumes foram entre 40 mm e 120 mm.



FIGURA 1 - MAPA DE PRECIPITAÇÃO ACUMULADA EM ABRIL/2021



Fonte: Inmet.

CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Na segunda quinzena de abril de 2021, grande parte do Oceano Pacífico Equatorial manteve, mesmo perdendo intensidade, o padrão de La Niña dos últimos meses, com anomalias negativas de temperatura da superfície do mar (TSM) na faixa equatorial, como observado no mapa de anomalias da TSM.



No entanto, os registros diários da TSM no Oceano Pacífico Equatorial nos últimos dias de abril e início de maio mostram uma sequência de vários dias com anomalias negativas cada vez menores e atingindo valores muito próximos a zero, indicando, assim, uma tendência de normalidade para os próximos meses, como pode ser observado no gráfico diário de anomalia da TSM na área 3.4 de El Niño/La Niña (entre 170°W-120°W).

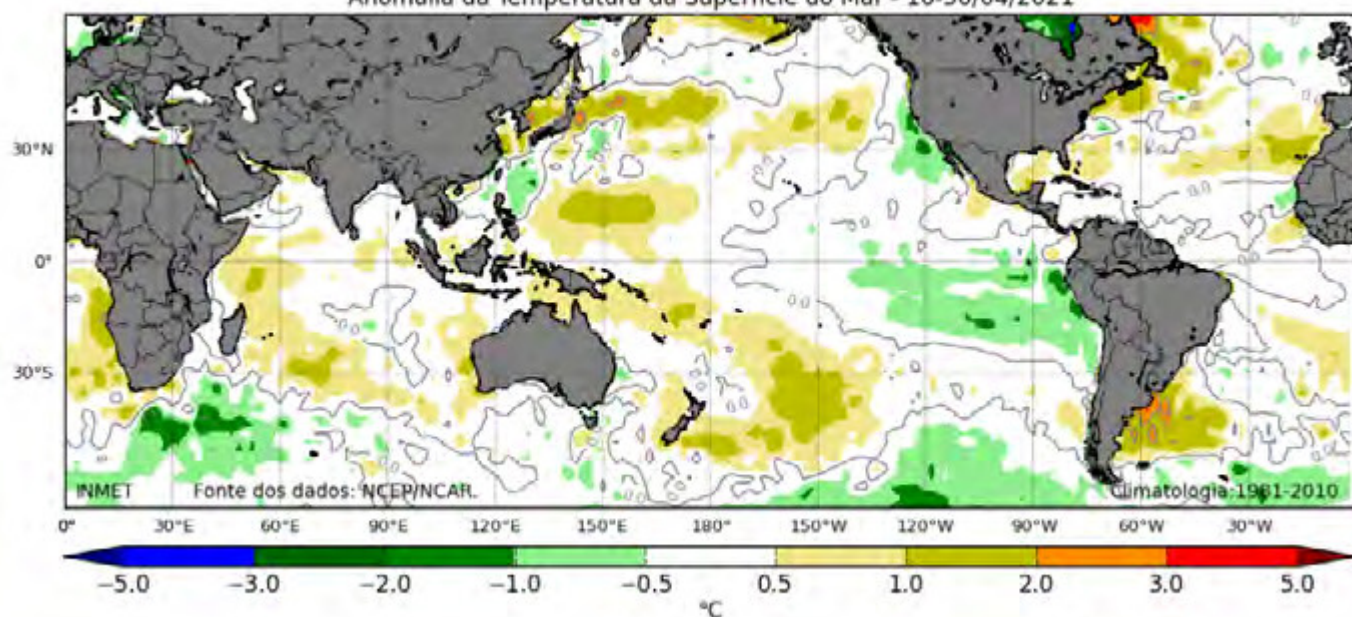
Considera-se que o Oceano Pacífico Equatorial está na fase neutra quando as anomalias médias de TSM estão entre -0,5 °C e +0,5 °C.

No Atlântico Tropical, as anomalias positivas ao norte do equador perderam intensidade, assim como as anomalias negativas ao sul. Esse cenário demonstra que não houve o Dipolo do Atlântico com sinal positivo na segunda metade de abril.

O enfraquecimento desse sinal positivo do Dipolo é fundamental para qualidade da quadra chuvosa no norte do Nordeste até maio.

FIGURA 2 - MAPA DE ANOMALIAS DA TSM NO PERÍODO DE 16 A 30/04/2021

Anomalia da Temperatura da Superfície do Mar - 16-30/04/2021

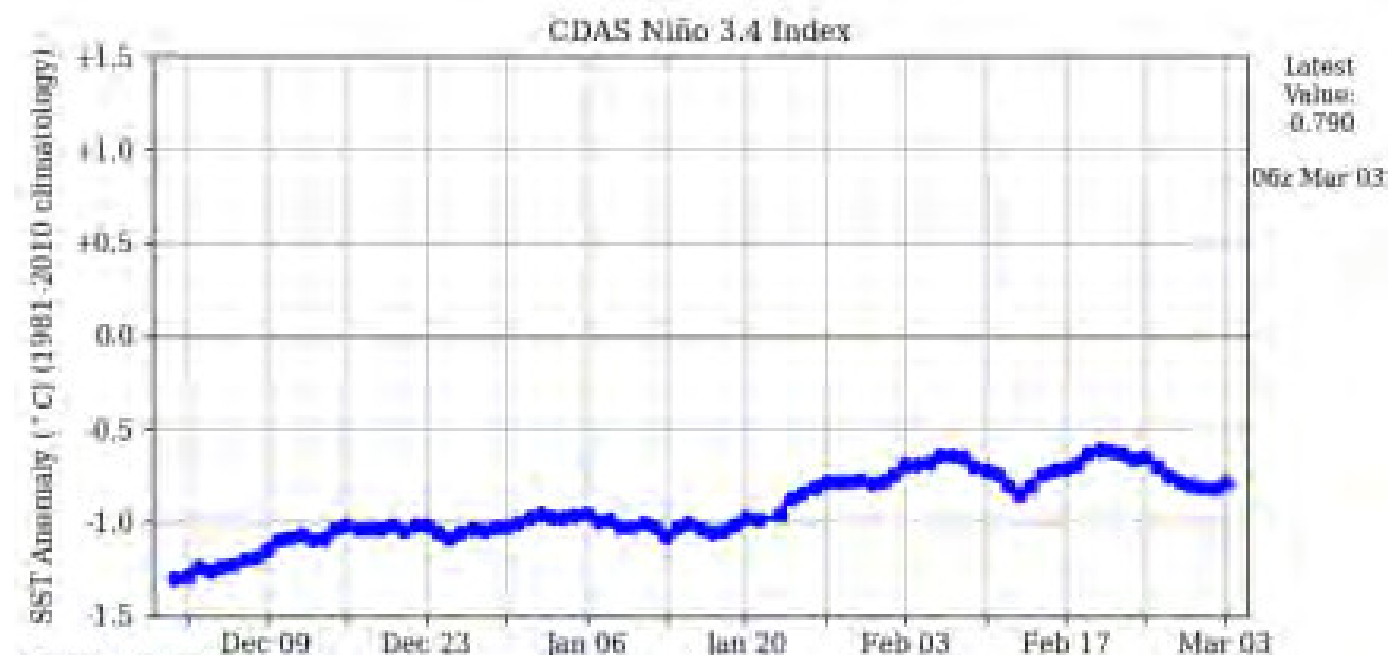


Fonte: Tropical Tidbits

Disponível em : <https://www.tropicaltidbits.com/analysis>



GRÁFICO 1 - MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4



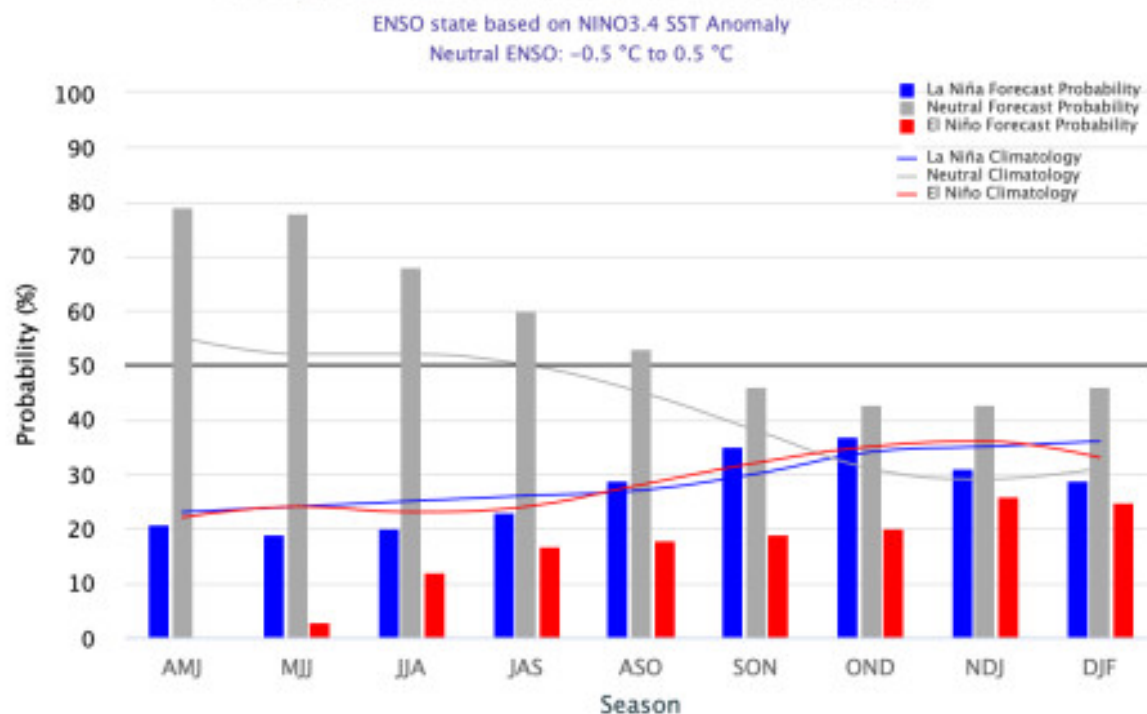
Fonte: Tropical Tidbits

Disonível em : <https://www.tropicaltidbits.com/analysis>

O gráfico com a média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña apresenta probabilidade de 78% de continuidade do fenômeno La Niña no trimestre maio, junho, julho de 2021. Segundo a previsão, a fase de neutralidade tem alta probabilidade de se manter até setembro ou outubro.



GRÁFICO 2 - PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE EL NIÑO OU LA NIÑA
Mid-April 2021 IRI/CPC Model-Based Probabilistic ENSO Forecasts



Fonte: IRI

Disonível em : <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current>

PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – MAIO-JUNHO-JULHO/2021

Para a Região Sul, as previsões climáticas indicam que o trimestre deve ficar com chuvas abaixo da média climatológica em praticamente toda a região, principalmente entre o norte do Rio Grande do Sul e o sul do Paraná. Há possibilidade de áreas isoladas com chuvas próximas da média no Rio Grande do Sul em maio.

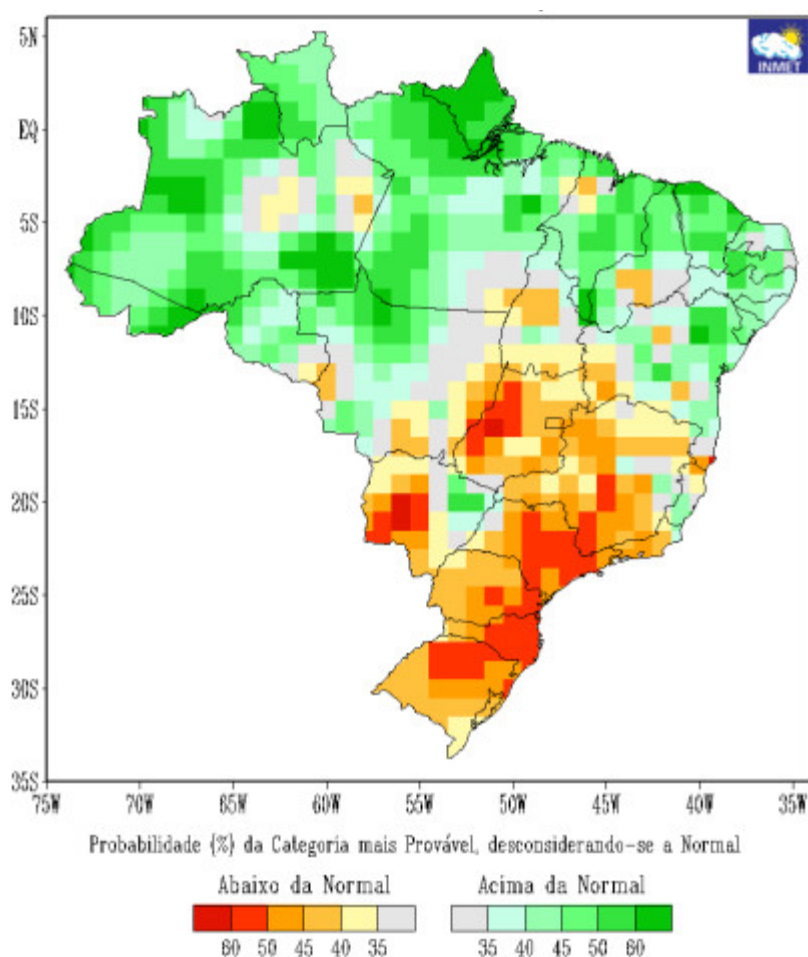
As previsões climáticas indicam irregularidade espacial na distribuição das chuvas nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, porém com maior probabilidade de acumulados abaixo ou dentro da faixa normal do trimestre, que é tipicamente seco, principalmente, em junho e julho.



Nas Regiões Norte e Nordeste há o predomínio de áreas com probabilidade de chuvas acima ou próximas da média durante o trimestre. No norte e leste da Região Nordeste há significativa probabilidade de precipitação acima da média em maio.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do [sítio do INMET](#).

FIGURA 3 - PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE MAIO-JUNHO-JULHO/2021



Fonte: Inmet.



ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

1.378,5 mil ha
-17,2%

PRODUTIVIDADE

1.771 kg/ha
-1,7%

PRODUÇÃO

2,4 milhões t
-18,6%

Comparativo com safra anterior
Algodão em pluma
Fonte: Conab.

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 1.765 mil t
PRODUÇÃO 2.441,9 mil t
IMPORTAÇÕES 1 mil t
4.207,9 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 700 mil t
EXPORTAÇÕES 2.075 mil t
2.775 mil t

A evolução da cultura segue acontecendo, com algumas lavouras, de plantio mais precoce, já entrando em estágio de maturação. Porém, no geral, a maior parte dos 1.378,8 mil hectares semeados com o algodão nesta safra está (até o fim de abril de 2021) em fase de formação de maçãs.

As condições climáticas ainda apresentam oscilações, especialmente em relação às chuvas, que, nesse período do ano, são mais escassas nas grandes regiões cotonicultoras do país. No entanto, as lavouras vêm demonstrando bom desenvolvimento.



Ao todo, a estimativa de produção é na ordem de 5.999,5 mil toneladas de algodão em caroço ou 2.441,9 mil toneladas de algodão em pluma. Esses valores indicam redução de 18,6% em comparação aos resultados na temporada passada, impulsionados, especialmente, pela diminuição de área plantada.

OFERTA E DEMANDA

Abril já é o terceiro mês consecutivo de recordes de exportações mensais de algodão. Diante da grande produção da safra 2019/20, de 3 milhões de toneladas de pluma, o calendário de exportações brasileiro é estendido. Foram exportadas nesse quarto mês de 2021 um total de 176,9 mil toneladas de pluma. Apesar de uma queda de 20% em relação ao mês anterior, março, o resultado representa um aumento de 95% em relação a abril de 2020. A receita foi de US\$ 300,8 milhões.

O país segue se firmando como um exportador regular durante todo o ano, fator importante na busca de novos mercados. Apesar da queda na produção da safra 2020/21 ser estimada em 18%, a Conab estima que este ano sejam exportadas 2,2 milhões de toneladas de pluma.

Diante da forte exportação, que faz com que o comprador nacional necessite pagar mais pelo produto, do dólar valorizado e dos preços externos aquecidos, o preço da pluma no mercado brasileiro bate recordes nominais. Com o avanço da segunda onda da pandemia do coronavírus e os elevados preços, a meta do setor têxtil de voltar a consumir 700 mil toneladas em 2021 fica mais distante. Para a indústria, o custo da matéria-



prima quase dobrou em um ano e, com a crise gerada pela pandemia, fica cada vez mais difícil o repasse de preços ao consumidor final.

Para o ano de 2021, estimando um consumo interno de 680 mil toneladas, a queda de 18% na produção, estimada em 2,44 milhões de toneladas, e as exportações acima das 2 milhões de toneladas, o estoque final deve cair depois de cinco anos consecutivos de altas. A estimativa da Conab é que termine o ano em 1,3 milhão de toneladas. Esse cenário de menor oferta interna deverá manter os preços no mercado doméstico elevados e proporcionar boa rentabilidade ao produtor.

TABELA 5 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15	652,4	1.562,8	2,1	2.217,3	670,0	834,3	713,0
2015/16	713,0	1.289,2	27,0	2.029,2	640,0	804,0	585,2
2016/17	585,2	1.529,5	33,6	2.148,3	685,0	834,1	629,2
2017/18	629,2	2.005,8	30,0	2.665,0	670,0	974,0	1.021,0
2018/19	1.021,0	2.778,8	1,7	3.801,5	700,0	1.613,7	1.487,8
2019/20	1.487,8	3.001,6	1,0	4.490,4	600,0	2.125,4	1.765,0
2020/21	Abr/21	1.765,0	2.493,6	1,0	4.259,6	700,0	1.484,6
	Mai/21	1.764,9	2.441,9	1,0	4.207,9	680,0	1.302,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2021.

Estoque de Passagem - Algodão: 31 de Dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL

Na Região Centro-Oeste, considerada a maior região produtora do país, houve diminuição de 17,3% na área plantada em comparação ao visualizado na temporada anterior. Assim, foram semeados cerca de 1.019,5 mil hectares nesta safra 2020/21, distribuídos entre os três estados da região, porém a maior redução absoluta foi registrada em Mato Grosso, motivada, principalmente, pela substituição de áreas antes voltadas para



cotonicultura, que, neste ciclo, em virtude das condições de mercado, foram direcionadas à semeadura de milho segunda safra, além do estreitamento da janela ideal de plantio em virtude do atraso no ciclo da soja.

Em Mato Grosso, que participa com mais 70% da área total de algodão no país, houve confirmação de redução na área plantada em relação à temporada passada, especialmente em razão da menor janela para o plantio e o risco associado à semeadura fora do período ideal, bem como à alta dos preços pagos pelo milho, gerando assim maior concorrência de área para o algodão na escolha da cultura de sucessão à soja de primeira safra. Portanto, o total semeado neste ciclo ficou em 967,8 mil hectares, representando diminuição de 17% em comparação a 2019/20.

De modo geral, as lavouras estão em excelente estado fitossanitário. No entanto, existe a preocupação de necessidade de um possível aporte hídrico para garantir a manutenção das lavouras em condições positivas, especialmente para as lavouras mais tardias. Caso contrário, poderá haver alguma redução na produtividade média. Houve também registro de casos pontuais de excesso de umidade no solo no início do ciclo do algodão primeira safra, que, atrelado às temperaturas elevadas, proporcionou o aparecimento de doenças, porém o evento parece não ter afetado as perspectivas de bons resultados. O estágio fenológico predominante no estado é de maturação para o algodão de primeira safra e de formação de maçãs para o algodão de segunda safra.

Em Goiás também houve redução na área plantada em comparação à temporada anterior. Foram aproximadamente 27,3 mil hectares semeados com a cultura neste ciclo, simbolizando diminuição de 23,1% em relação a



2019/20. Essa variação de área é reflexo da alta concorrência de área para o cultivo de outras graníferas como milho e soja, que atualmente têm apresentado muito boa rentabilidade, além da diminuição da demanda mundial pela pluma do algodão.

Vale ressaltar que houve duas épocas distintas de plantio da cultura no estado, sendo a primeira entre novembro e dezembro de 2020 e a segunda entre janeiro e fevereiro de 2021. Estima-se que 70% das lavouras tenham sido implantadas no primeiro período, e os outros 30% são relacionados ao plantio de segunda safra, sucedendo à colheita da soja. De modo geral, as lavouras se encontram em boas condições de desenvolvimento. O sistema radicular pivotante mais profundo favorece as plantas do algodoeiro, de forma que estas não foram tão impactadas pela estiagem observada durante as últimas semanas. Apesar disso, já há expectativa de redução do potencial produtivo das plantas para as áreas de semeadura mais tardia, pois devem dispor de baixa disponibilidade hídrica em fases críticas de sua fenologia.

Na Região Nordeste, a Bahia, segundo maior produtor nacional, também apresenta expressiva redução na área plantada em comparação à safra 2019/20, ficando em 267 mil hectares semeados, contra 313,7 mil hectares naquele período. Essa diminuição é fruto da retração do mercado ocorrida durante a pandemia de Covid-19, que provocou a paralisação das vendas, além da erradicação de lavouras de segundo ciclo no centro-norte baiano em razão do plano de defesa agropecuário local, visando o combate do bicudo do algodoeiro.

Em face da boa ocorrência de chuvas durante fevereiro e março, o que proporcionou níveis satisfatórios de umidade acumulada nos solos, as lavouras de algodão estão apresentando ótimo desenvolvimento,



sinalizando expectativa de rendimentos satisfatórios.

Além da Bahia, o Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Alagoas e Rio Grande do Norte também apresentam produção de algodão na Região Nordeste. A destinação de área é expressivamente menor nessas localidades, se comparadas à cotonicultura baiana, mas potencializam a produção regional. De modo geral, houve redução nas áreas plantadas nesses estados (exceção a Alagoas) em comparação ao visualizado na safra 2019/20, impactando no volume final previsto. Ainda assim, uma produção representativa deve ser colhida, especialmente no Maranhão e no Piauí. Nessas regiões, as lavouras estão, majoritariamente, em fase reprodutiva, entre floração e formação de maçãs.

Na Região Sudeste, Minas Gerais se destaca na produção da fibra. Para esta safra foram destinados cerca de 30,9 mil hectares à cotonicultura mineira, representando redução de 19% em comparação à área plantada em 2019/20. Tal decréscimo se justifica pela concorrência de área com outras culturas como soja, milho e feijão, que, nesta temporada, têm apresentado melhores rentabilidades. Atualmente, as lavouras estão demonstrando bom desenvolvimento, projetando rendimentos satisfatórios, desde que as condições climáticas se mantenham favoráveis.

Em São Paulo houve expressiva redução na área plantada em comparação ao exercício passado. Muitos dos produtores tradicionais da região de Avaré optaram pelo plantio de soja em detrimento do algodão, aproveitando o momento de preços atrativos que a soja tem apresentado. Assim, o estado passou de 11 mil hectares, cultivados em 2019/20, para 4,7 mil hectares semeados neste ciclo. Atualmente, as lavouras estão, majoritariamente, em fase de maturação e até mesmo colheita. O clima seco tem sido considerado favorável para essas operações, no entanto,



pode ter impacto no potencial produtivo da cultura. A estimativa momentânea é de produção na ordem de 18,9 mil toneladas de algodão em caroço ou 7,4 mil toneladas de algodão em pluma.

Na Região Sul, o Paraná é o único estado produtor de algodão nesta safra. Houve redução na área semeada em relação a 2019/20 devido à competição de área com outras culturas. Ao todo, foram 900 hectares destinados à cotonicultura neste ciclo. Até o momento, as condições das plantas são consideradas boas, com a maior parte das lavouras em fase de formação de maçãs.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS GERAIS E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – ALGODÃO

Legenda - Condição hídrica												
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									

UF	Mesorregiões	Algodão - Safra 2019/2020										
		NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra		S/E	DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
	MA			S	E/DV	DV	F	F/FM	FM/M	M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano	S	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	M/C	C	
	Centro Sul Baiano	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	PS	S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	PS	S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM/M	M/C	M/C	C	C	
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		S/E/DV	DV	F	F/FM/M	FM/M/C	M/C	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C

cont.



Legenda – Condição hídrica		
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva
		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Algodão - Safra 2019/2020										
		NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C

Nota: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



Foto 1 – Lavoura de algodão em Chapadão do Sul - MS

Fonte: Conab.

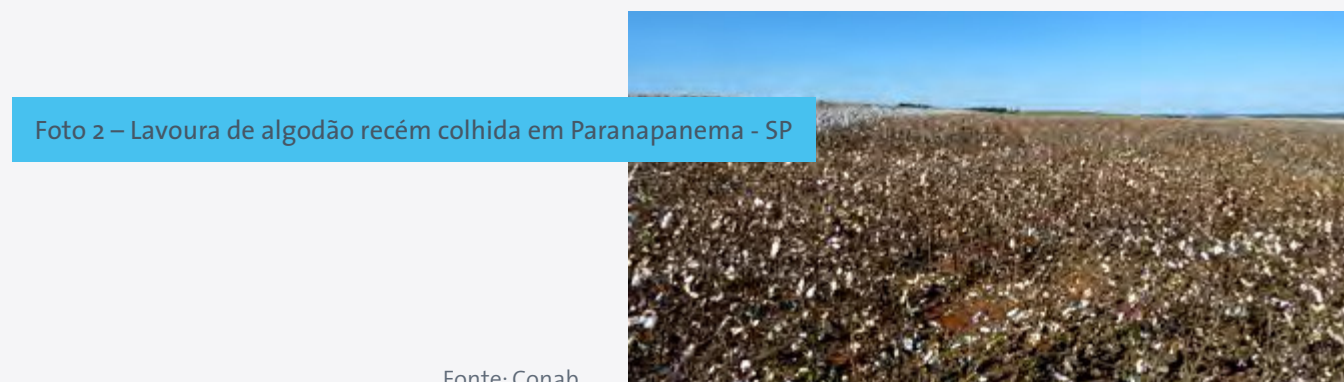


Foto 2 – Lavoura de algodão recém colhida em Paranapanema - SP

Fonte: Conab.



Foto 3 – Fardo de algodão recém colhido em Paranapanema - SP

Fonte: Conab.

Foto 4 – Lavoura de algodão recém colhida em Paranapanema - SP



Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).

**ARROZ****ÁREA**1.687 mil ha
+1,3%**PRODUTIVIDADE**6.885 kg/ha
+2,6%**PRODUÇÃO**11.615,5 mil t
+3,9%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO**ESTOQUE INICIAL** 1.595,8 mil t**PRODUÇÃO** 11.615,5 mil t**IMPORTAÇÕES** 1.100 mil t**DEMANDA****CONSUMO INTERNO** 10.800 mil t**EXPORTAÇÕES** 1.100 mil t

Para a safra total 2020/21, a previsão é de 11,61 milhões de toneladas produzidas, 3,9% maior que a safra anterior, em uma área de 1.687 mil hectares, incremento de 1,3% em relação à safra anterior.

Na primeira semana de maio, já havia 83,0% da área total colhida, perante 90,0% no mesmo período da safra passada. Houve a intensificação da colheita a partir do mês de março, a qual está com as operações em uma evolução similar ao da safra anterior.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a safra brasileira 2020/21 de arroz será 3,9% maior que a safra 2019/20. Esse resultado é reflexo principalmente das estimativas de incremento da produtividade (+2,6%). Outro fator preponderante é a área, que aponta para uma menor expansão (+1,3) do que inicialmente previsto nos modelos estatísticos. Cabe ressaltar que a área estimada no presente trabalho foi resultado de pesquisa a campo dos nossos colaboradores das superintendências regionais. Como principais fatores da expansão aquém do previsto, apesar do atual elevado patamar de preço do arroz, destacam-se a falta de água em algumas regiões do Rio Grande do Sul e os elevados preços



dos grãos que competem por área com a cultura do arroz (soja e milho).

Especificamente sobre o quadro de oferta e demanda do arroz, neste oitavo levantamento houve alteração dos números apresentados no sétimo levantamento, com destaque para a produção, que aumentou a estimativa em 521 mil toneladas para a safra 2020/21, devido à revisão realizada na produtividade do setor no Rio Grande do Sul. Com isso, a perspectiva para ao longo de 2021 é de recomposição dos estoques de passagem, sendo esta também resultado de uma projeção de retração do consumo em razão da perspectiva de recuperação econômica, haja vista a elasticidade-renda negativa do arroz. Sobre a balança comercial, a projeção de preços elevados, somada à estimativa de fortalecimento da moeda nacional, reduzirá o ritmo de exportações identificado na safra 2019/20 e a projeção é que o país venda 1,3 milhão de toneladas na safra 2020/21. Assim, a expectativa é que o período encerre com um ameno superavit de 200 mil toneladas na balança comercial do grão, com importações de 1,1 milhão de toneladas para o mesmo período.

TABELA 6- BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15	2.304,9	12.448,6	510,0	15.263,5	11.830,5	1.311,1	2.121,9
2015/16	2.121,9	10.603,0	1.044,1	13.769,0	11.096,6	935,5	1.736,9
2016/17	1.736,9	12.327,8	1.141,7	15.206,4	12.215,7	868,8	2.121,9
2017/18	2.121,9	12.064,2	842,7	15.028,8	10.793,7	1.809,3	2.425,8
2018/19	2.425,8	10.483,6	1.012,5	13.921,9	10.544,6	1.432,3	1.945,0
2019/20	1.945,0	11.183,4	1.280,8	14.409,2	11.000,0	1.813,4	1.595,8
2020/21	Abr/21	1.595,8	11.094,0	1.100,0	13.790,6	10.800,0	1.890,6
	Mai/21	1.595,8	11.615,5	1.100,0	14.311,3	10.800,0	2.211,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2021.

Estoque de Passagem - Arroz: 31 de Dezembro.



ANÁLISE ESTADUAL

Na Região Norte, a previsão é de incremento na área plantada em comparação à safra anterior, podendo potencializar a produção, que atualmente está estimada em 1.057,5 mil toneladas, aumento de 6,6% em comparação à safra passada. Com isso, a região deverá se configurar como a segunda maior produtora nacional de arroz, tendo como maior destaque a produção de Tocantins.

Em Rondônia, o cultivo é exclusivamente de sequeiro, tanto safra quanto safrinha, e não há cultivo irrigado.

Toda a área do arroz já foi semeada, a oferta de água foi suficiente para o suprimento das plantas, os talhões já estabelecidos com a cultura se encontram em boas condições.

A área cultivada para a implantação da cultura do arroz safra e safrinha 2020/21 tende a ser maior que a safra passada, embora ainda não temos um número concreto. Fato é que os arrozeiros estão vindo de safras anteriores sem muita lucratividade, o que os desmotivaram a fazer novos investimentos, além de outros saindo da atividade.

Para a cultura em primeira safra a caracterização fenológica é a seguinte: 15% maturação e 85% colhido ou apto a colher. Os talhões já estabelecidos com a cultura seguem em boas condições. A oferta de água foi suficiente para o suprimento das plantas.

Para a cultura em segunda safra a caracterização é a seguinte: 25% em desenvolvimento vegetativo, 45% em floração e 30% em enchimento de grão.



As primeiras estimativas apontam para uma área total cultivada de 42,5 mil hectares, com perspectiva de produção superior a 139 mil toneladas.

A produtividade do arroz primeira safra deverá girar em torno de 3.283 Kg/ha, e a produtividade do arroz safrinha tende a ser menor, cerca de 2.994 kg/ha.

O plantio iniciou em novembro, tendo finalizado em dezembro. As variedades mais cultivadas foram: 8001 e 9005, a variedade Cambará tem perdido espaço em virtude da incidência e ataques da “sogata” ou cigarrinha-do-arroz (*Tagosodes orizicolus*), que tem causado dano econômico nos arrozaais, além disso as duas outras exigem maior aporte de fertilizantes, no entanto, são muito mais produtivas que o Cambará.

Mesmo com chuvas inconstantes, no início do plantio, o calendário agrícola para arroz flui normalmente, uma vez que a semeadura iniciada na segunda quinzena de novembro e finalizada em dezembro coincidiu com maior aporte pluviométrico. Outra sinalização positiva é que os insumos já estavam armazenados nos campos e barracões, a exemplo de fertilizantes, agrotóxicos e sementes.

A colheita da primeira safra iniciou na primeira quinzena de março. Em abril a maior parte já foi colhida, restando um pequeno percentual a ser finalizado em maio.

Atualmente cerca de 99% da safra 2020/21 já foi comercializada. Como de costume, quem compra grande parte dessa produção são as empresas privadas em Rondônia, as mesmas citadas no tópico do crédito agrícola. Essas fomentam a rizicultura no estado, seja por meio de crédito aos produtores, empréstimos, troca por produtos, entre outras modalidades de



negociação.

No Acre, o cultivo de arroz é unicamente de sequeiro, é cultivado na safra de verão. O plantio ocorre de outubro a dezembro, época mais favorável ao desenvolvimento da cultura devido ao período chuvoso. Na safra 2020/21, devido ao baixo volume de chuvas, o plantio foi mais tardio, mais concentrado em novembro e dezembro.

Mesmo com o aumento da demanda e do preço comercial do arroz, a tendência é de retração de 22,4%, com uma área cultivada em torno de 3,7 mil hectares e produtividade média de 1.270 kg/ha.

Em Tocantins, a previsão inicial é de aumento na área plantada em comparação ao exercício anterior, especialmente em razão da maior valorização do grão no mercado interno/externo.

Para o arroz de sequeiro, a colheita foi finalizada em abril, por se tratar de uma cultura voltada principalmente para subsistência, o pequeno excedente é comercializado em feiras locais e/ou por meio de programas governamentais. Em todo o estado o volume de produção é considerado irrisório e com viés de baixa em algumas regiões respondendo por apenas 0,6% da produção total. As produtividades geralmente são condizentes com o grau de tecnologia usada.

Quanto ao arroz irrigado, as lavouras estão em boas condições, e apresentam um bom nível de desenvolvimento. O clima vem contribuindo para o avanço da colheita durante março nas principais regiões produtoras do estado e o acúmulo de produto colhido poderá acarretar um grande volume de produto na porta dos armazéns prestadores de serviços. É esperado uma boa produtividade principalmente pelo sistema de manejo



adotado com pulverizações preventivas para o controle do ataque da brusone do arroz.

Até o fechamento deste relatório, apuramos que 60% da área já está colhida, e com boa qualidade nos grãos.

Já para o arroz irrigado, as lavouras estão em boas condições e vêm apresentando uma boa média de produtividade, em torno de 96 a 100 scs/ha. Houve uma variação de produtividade em torno de 5,3% em comparação à safra passada, 2019/20. Para o alcance desta variação o produtor investiu em adubação, utilização de novas variedades e melhoria no manejo da cultura, tudo isso atrelado às boas condições climáticas que contribuíram para o bom desenvolvimento da cultura. Até o fechamento deste relatório apuramos que 87% da área já está colhida e com boa qualidade nos grãos. Negociações recentes apontam preço pago ao produtor razoável. Os agricultores optaram por suspender a comercialização da produção no aguardo de melhores preços.

Para o arroz irrigado segunda safra, as lavouras se encontram em fase de desenvolvimento vegetativo, alguns produtores optaram pelo plantio da soja de sequeiro como cultura principal em áreas de várzeas e semearam posteriormente a cultura do arroz para rotação e melhoria de receita. O plantio da cultura do arroz irrigado foi concluído no final de março. As informações coletadas acima são referentes ao município de Guaraí-TO, para as demais regiões produtoras a previsão de plantio está prevista para maio e junho.

Em Roraima, o cultivo acontece em dois momentos. Uma parte das lavouras, denominada safra de verão, referente à safra 2020/21, foi confirmada em 8.500 hectares, com plantio finalizado no início de dezembro.



A colheita do grão foi finalizada no início da segunda quinzena de abril. Apesar do elevado índice pluviométrico neste mês, houve perdas, mas não foram significativas, pois grande parte dos produtores encerraram a colheita antes do início do período chuvoso.

Já o segundo período de plantio do arroz irrigado de inverno (por inundação), para a safra 2020/21, o setor estima uma área de 4 mil hectares, com produtividade de 6.800 kg/ha.

O preparo da terra já foi finalizado. O plantio deve ocorrer em maio, e a colheita entre agosto e setembro.

No Amazonas, o cultivo de arroz acontece basicamente para o consumo próprio, manejado em condição de sequeiro.

Cultivou-se ao todo 5,8 mil hectares, incremento de 141% em relação à safra passada.

No Pará houve pequena redução na estimativa de área plantada em relação a 2019/20, indicando destinação de 44,3 mil hectares nesta safra. Para a produção, a perspectiva é de obtenção de 108,9 mil toneladas.

Na Região Nordeste, a intenção é de aumento na área plantada em comparação ao ciclo passado. A expectativa é que sejam semeados 165,5 mil hectares, distribuídos em oito estados da região.

No Maranhão, para o arroz irrigado, no presente levantamento, nos municípios de Arari, Vitória do Mearim e Viana, na Baixada Maranhense, no norte do estado, apresentaram um incremento da área de aproximadamente 62,5% em relação à safra 2019/20, possivelmente em razão do preço atrativo do produto no mercado interno.



A área cultivada de arroz irrigado foi de 2,6 mil hectares, com perspectiva de rendimento médio de 6.000 kg/ha e produção total esperada de 15,6 mil toneladas. As lavouras dessa cultura foram implantadas entre julho e setembro de 2020. A colheita foi iniciada em outubro de 2020, nos municípios de Arari e Vitória do Mearim, encontrando-se em sua totalidade finalizada.

O arroz de terras altas ou arroz de sequeiro é cultivado em praticamente todas as regiões do país, com as áreas de produção mais expressivas concentradas em Mato Grosso, Tocantins, Rondônia, Goiás, Maranhão e Pará. As lavouras de arroz de terras altas representam somente 22% da área cultivada com arroz no Brasil, contribuindo com apenas 8% da produção brasileira de arroz.

No Piauí, a área de arroz total deve apresentar incremento na ordem de 4,7%, atingindo cerca de 56,2 mil hectares. Esse aumento é devido principalmente ao preço atrativo do cereal. A produtividade esperada gira em torno dos 1.805 kg/ha, redução de 5,8% comparação à safra anterior. O plantio das áreas de sequeiro foi concluído durante janeiro, e as lavouras apresentam boas condições de desenvolvimento, já se encontrando em estágio reprodutivo, e as áreas de agricultura empresarial, que representa cerca de 30% do total, já estão em fase final de colheita. Já as áreas irrigadas devem ser plantadas a partir de maio. A área de arroz no estado é predominantemente oriunda da agricultura familiar, com exceção das áreas irrigadas onde predomina a agricultura empresarial.

Em Alagoas, a cultura é manejada em condição irrigada. Nesta safra, a intenção é de manutenção de 3,1 mil hectares, com estimativa de produção acima das 21,4 mil toneladas.



A produção de arroz no estado está concentrada em dois perímetros irrigados: Boacica e Itiúba. Ambos localizados nos municípios de Igreja Nova e Porto Real do Colégio, respectivamente. Cada perímetro com regimes distintos de safra. Neste período, mais de 50% da área plantada foi colhida no perímetro Boacica, enquanto no Itiúba a colheita será iniciada em março, com pico de colheita em abril.

Em Sergipe, 100% da área plantada de arroz já foi colhida, com parte dessas áreas sendo utilizadas logo após para o plantio de uma segunda safra em 2021.

Em Pernambuco, o arroz irrigado no estado fica restrito a áreas situadas entre os municípios de Cabrobó e Orocó, onde é cultivado às margens e sobre ilhas do Rio São Francisco, ali o plantio normalmente tem início na segunda quinzena de janeiro e se estende até junho.

Toda a área cultivada é conduzida por agricultores que trabalham em regime de parceria com a única empresa de beneficiamento de arroz da região, que fornece os insumos e assistência técnica para os produtores.

Nesta safra, a área cultivada deve apresentar uma retração de 40% em relação à safra passada, assim como o rendimento deve ter redução de 5,9%, tanto o declínio na área cultivada quanto no rendimento está sendo atribuído à dificuldade de empregar o mesmo pacote tecnológico da safra passada diante da elevação nos custos de produção.

No Centro-Oeste, terceira região que mais produz arroz no país, a estimativa é de incremento na área plantada em 3,2%, quando comparada à última safra, ficando em 157,1 mil hectares semeados. Quanto à produção, espera-se que sejam colhidas cerca de 619,1 mil toneladas, representando incremento de 4,2% em relação a 2019/20.



Em Mato Grosso, a colheita do arroz primeira safra atinge 62,8% no encerramento de abril, e calcula-se rendimento médio de 3.459 kg/ha no estado, o qual, somado à área plantada na primeira safra de 114 mil hectares, devem gerar produção de 394,4 toneladas, 2,4% superior à obtida no ciclo passado.

Entretanto, destaca-se que a qualidade está inferior em relação às safras anteriores, principalmente para a quantidade de avariados, que supera o limite de 2% de tolerância, havendo inclusive alguns lotes que chegam a 30% da amostra.

Segundo as fontes, o que ocasionou o problema, além do excesso de chuvas, foi a aplicação de adubo em quantidade inferior à exigida pela cultivar predominante em âmbito estadual.

No que se refere à umidade do grão e quantidade de inteiros, à medida que a colheita se desenvolve, o grão tem se enquadrado dentro dos parâmetros, de 19% e de 55%, respectivamente.

Do ponto de vista comercial, a colheita do arroz tem gerado desvalorização do cereal no mês. Calcula-se comercialização de 21,4% da safra, o que tende a aumentar de forma acelerada, tendo em vista que boa parte da produção costuma ser vendida à medida que a safra seja colhida.

No que se refere ao arroz de segunda safra (irrigado), os 8,5 mil hectares plantados no estado se encontram em estágio predominante de enchimento de grãos.

Em Mato Grosso do Sul, como a semeadura do arroz no estado é realizada numa janela que inicia em julho e segue até início de fevereiro, há uma



enorme variabilidade de condições de manejo e estádios da cultura no decorrer da safra. Até o momento 73% da safra foi colhida, mas ainda se encontra com 19% das lavouras em maturação, 6% em enchimento de grãos e 2% ainda em florescimento.

Nas áreas que ainda estão em produção, as boas chuvas de março seguidas de calor favoreceram o aparecimento da Brusone (*Pyricularia oryzae*), mas as aplicações preventivas de fungicidas foram eficientes, assim, não ocorreram problemas. A presença de arroz vermelho também tem demandado ações de eliminação da planta daninha para evitar perda da qualidade do produto colhido.

A produtividade média estadual está em 6.500 kg/ha, até o momento, gerando expectativas positivas aos produtores que, mesmo com o produto registrando baixa liquidez no mercado, segue com preços atrativos.

Com a colheita estadual praticamente encerrada, a produtividade média do arroz ficou em 6.500 kg/ha nesta safra. A produção obtida e os preços recebidos pela saca comercializada animaram a categoria, que vinha encolhendo as áreas produtivas a cada ano. Aproximadamente 86% da safra foi comercializada, até o momento.

Em Goiás, a área de sequeiro se mantém estável (6 mil hectares), enquanto a área irrigada cresceu 9,6% (18,2 mil hectares) sob áreas de pivô central, por questões de mercado, remunerando melhor e por questões de cultivares mais adaptáveis ao clima.

O arroz de sequeiro, em fase de colheita, a sua produção é pequena e destinada a consumo próprio ou comercialização local, com rendimento próximo a 1.800 kg/ha. Algumas áreas de sequeiro com melhor pacote



tecnológico estão também na fase de colheita, tem produtividade média de 2.470 kg/ha, porém são pouco mais de 200 hectares.

Quanto ao irrigado, a colheita ocorre de forma escalonada durante cinco meses aproximadamente, e já está praticamente finalizada. Os rendimentos são entre 5 e 6 mil kg/ha.

Na Região Sudeste, a intenção é de manter a área cultivada em 10,1 mil hectares, apresentando cultivo nos quatro estados, com maior concentração de área em São Paulo.

Em São Paulo, os trabalhos no campo para colher o arroz avançam, e alcançam 100% da lavoura.

A produção, segundo informantes, está atingindo bons patamares, e os informantes reportam boa produtividade da colheita e boas condições da lavoura em campo.

A colheita do arroz está encerrada na região do Vale do Paraíba. A produtividade auferida foi boa, com o clima ao longo da safra favorável. Sem problemas que afetem a produtividade.

A produtividade da lavoura colhida está sendo considerada boa e, segundo alguns informantes, esse cenário provavelmente se consolidará como definitivo.

A produtividade do irrigado apresenta 5.100 kg/ha (+ 21,43%).

Em Minas Gerais, o plantio foi finalizado em dezembro, incluindo a semeadura das áreas em sequeiro e irrigadas. As áreas irrigadas são cultivadas em municípios com tradição de cultivo, com obtenção de



produtividades mais elevadas.

A estimativa total é de 1,6 mil hectares destinados ao cultivo do cereal nesta safra, retração de 20% em relação à safra 2019/20.

Na Região Sul, o cultivo de arroz é quase que totalmente irrigado, apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado em sequeiro. A estimativa é que a área cultivada com o arroz na região seja de 1.116,6 mil hectares, mantendo-se bem próximo da última safra.

No Paraná, a cultura do arroz de sequeiro é de pouca expressão econômica no estado, praticamente toda para subsistência.

A colheita aproxima-se do fim, devendo ser concluída em maio. A produtividade estimada é um pouco inferior à da safra passada devido ao deficit hídrico na fase de desenvolvimento.

Para o arroz irrigado, com o avanço da colheita, houve leve ajuste para cima na produtividade. A irrigação possibilitou rendimento acima do obtido no ano passado. Cerca de um terço da produção total já foi comercializada.

Em Santa Catarina, a cultura do arroz está com a colheita da safra principal praticamente finalizada. Na faixa litorânea norte, onde se aproveita a soca do arroz, os produtores continuam as operações dos tratos culturais após o primeiro corte, com o objetivo de obter um segundo corte de boa produtividade. A perda de 2,5% de produtividade em relação à safra passada teve como principal fator o excesso de chuvas em dezembro e janeiro, que favoreceu a incidência de brusone e a pouca luminosidade.

No Rio Grande do Sul, a colheita em abril evoluiu de 38% para 90%, favorecida pelas boas condições climáticas, já que foi registrado um volume



baixo de chuvas no período, com anomalias de até 100 mm em relação à normal. Com isso, nos próximos dias deve ser concluída a operação, já que o restante das lavouras se encontra em fase final de maturação. Além disso, diferente de outros anos, nenhuma das regiões orizícolas do estado está atrasada no processo, muito em virtude da semeadura que, nesta safra, ocorreu de maneira mais apropriada, dentro da janela preferencial.

A produtividade vem reduzindo gradativamente com a evolução da colheita, já que as lavouras iniciais, por terem sido semeadas na melhor época, apresentam maior potencial produtivo, ainda assim, essa redução não deve comprometer a ótima média estadual, que, até o momento, está em 8.676 kg/ha. Essa produtividade é 4,3% acima da verificada na safra anterior, recorde até então.

Vários são os fatores que contribuíram para o resultado verificado neste ciclo, dentre eles: uma maior proporção da área semeada dentro do período preferencial pra cultura, condições climáticas muito boas durante todo o verão, a rotação com a soja, que em alguns casos pode gerar incrementos na ordem de 30%, e migração do cultivo de áreas marginais, mais sujeitas a alagamentos, falta de água ou ocorrência de plantas invasoras, esse fato já verificado há algumas safras. Por outro lado, esse ciclo iniciou com uma grande apreensão quanto à capacidade dos reservatórios hídricos, naturais ou artificiais, devido à baixa recarga deles durante o inverno, principalmente na parte mais a oeste do estado. Isso gerou a necessidade de irrigações intermitentes em várias lavouras, propiciando um menor potencial produtivo, devido especialmente à maior ocorrência de invasoras. No entanto, as condições favoráveis foram intensas na determinação do rendimento.

A concentração da colheita provocou alguns gargalos logísticos, pela



superação da capacidade de recebimento dos grãos pelas indústrias, o que gerou congestionamentos para descarga e, até mesmo, interrupção da colheita por falta de caminhões. Em casos pontuais, essa fila, que chegou a três dias, causou redução na qualidade de grãos colhidos. Também, a ocorrência de precipitações reduziu a qualidade das lavouras que estavam prontas para a colheita. Ainda assim, de modo geral, as condições foram muito boas, superiores a outras safras recentes.

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS GERAIS E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA DAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - ARROZ

Legenda – Condição hídrica												
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									

UF	Mesorregiões	Arroz - Safra 2020/2021										
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RO	Leste Rondoniense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
PA	Sudoeste Paraense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
	Sudeste Paraense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
TO*	Ocidental do Tocantins				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MA	Centro Maranhense						S/E	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense				S/E	DV	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PR*	Noroeste Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
SC*	Norte Catarinense	PS	S	S/E	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
	Vale do Itajaí	PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Sul Catarinense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
RS*	Centro Ocidental Rio-grandense		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	M/C	C	
	Metropolitana de Porto Alegre		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Sudeste Rio-grandense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

*irrigado

Fonte: Conab.



Foto 5 – Arroz sequeiro em Piracanjuba

Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).

**FEIJÃO****ÁREA**2.898 mil ha
-1%**PRODUTIVIDADE**1.071 kg/ha
-2,9%**PRODUÇÃO**3.105,1 mil t
-3,6%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTOESTOQUE INICIAL 269,8 mil t
PRODUÇÃO 3.105,1 mil t
IMPORTAÇÕES 120 mil t
3.494,9 mil t**DEMANDA**CONSUMO INTERNO 3.050 mil t
EXPORTAÇÕES 164 mil t
3.214 mil t

A cultura é considerada de ciclo curto e, por isso, apresenta uma vantagem para o produtor, que consegue adequar o seu plantio dentro de uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio dentro do ano-safra, favorecendo assim uma oferta constante do produto. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra entre janeiro e abril e o de terceira safra, de maio a julho.

Nesta temporada 2020/21, o primeiro ciclo está com a colheita encerrada nos quase 904,3 mil hectares destinados à cultura pelo país. A produção alcançada foi de 1.003,5 mil toneladas, somando os feijões do tipo comum cores, comum preto e caupi. Tal resultado representou redução de 9,2% em relação ao volume obtido em 2019/20, especialmente pelas oscilações climáticas registradas ao longo do ciclo na Região Sul e na Bahia, impactando na produtividade das lavouras.

Atualmente, as lavouras de segunda safra estão em evidência. Elas já foram implantadas e somaram cerca de 1.437,6 mil hectares semeados, com os feijões do tipo comum cores, comum preto e caupi. De maneira



geral, houve aumento nessa destinação de área em comparação ao mesmo período da temporada 2019/20, perfazendo assim uma boa expectativa para produção final da cultura de segunda safra, estimada, no momento, em 1.325,7 mil toneladas do grão.

Logo mais, a semeadura das lavouras de terceira safra começará com perspectiva de destinação de mais 556,1 mil hectares ao cultivo de feijão pelo país, com maior destaque para a produção na Região Nordeste, Centro- Oeste e Sudeste.

Assim, a perspectiva total para o feijão nesta temporada 2020/21 é de destinação de 2.898 mil hectares para o cultivo da cultura (considerando o feijão-comum cores, o feijão-comum preto e o feijão-caupi) e uma produção de 3.105,1 mil toneladas.

OFERTA E DEMANDA

Em abril, na zona cerealista de São Paulo, mesmo com uma menor oferta do produto, compradores (indústrias/empacotadores) mantiveram uma posição de cautela, com raras negociações. As sobras diárias do produto, a má qualidade dos grãos com preços elevados e a falta de interesse de compras pelo setor varejista contribuíram para uma desvalorização do produto em abril de 3,3% na cotação média nacional para o feijão-comum cores e de 5,9% para o feijão-preto, segundo o levantamento da Conab.

Dessa forma, os empacotadores passaram a negociar de acordo com as suas necessidades de abastecimento, mesmo cientes dos baixos estoques. Ainda há de se considerar a má qualidade do grão comercializado, deixando o comprador em posição de espera por melhores condições de



compras – preço e qualidade. Contudo, os produtores tiveram um ótimo retorno financeiro em suas negociações, mas os aumentos de preços repassados para o varejo impactaram negativamente no consumo.

O mercado continua focado na quantidade e na qualidade da mercadoria que vem sendo ofertada, e no clima, principal balizador para o comportamento dos preços. A expectativa é que a oferta aumente com o avanço das colheitas, principalmente no Sul do país. Ainda, para os próximos dias, o mercado passará a contar com a produção proveniente dos estados das Regiões Centro-Oeste e Sudeste do país.

No momento, em virtude da baixa demanda varejista, o volume produzido está atendendo, de forma bem ajustada, o mercado. Assim, as cotações devem continuar oscilando de acordo com as quantidades ofertadas e suas respectivas demandas, vez que grande parte dos compradores está sem estoques regulares. O mercado trabalha com um quadro de oferta muito ajustado, e as incertezas do fator clima e da menor oferta no Sul do país, a expectativa é que os preços continuem elevados. No momento, o mercado opera com baixos estoques e fica sujeito à demanda varejista.

Em seu oitavo levantamento para acompanhamento da temporada 2020/21, a Conab estima uma produção de 3,1 milhões de toneladas. Esse volume representa um decréscimo de 3,6% em relação à registrada em 2019/20. Agora, com a redução do auxílio emergencial, produção ajustada, e preços em patamares elevados, a tendência é que o consumo interno retorne ao mesmo patamar de 2018/19, estimado em 3,05 milhões de toneladas.

Nesse cenário, partindo-se do estoque inicial de 249,8 mil toneladas, o consumo em 3.05 milhões de toneladas, as importações em 100 mil



toneladas, e as exportações em 160 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem na ordem de 244,9 mil toneladas, volume que deverá contribuir para a manutenção da normalidade do abastecimento interno.

TABELA 7 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA		ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15		303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16		198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17		186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
2017/18		302,6	3.116,1	81,1	3.499,8	3.050,0	162,4	287,4
2018/19		287,4	3.017,7	149,6	3.454,7	3.050,0	164,0	240,7
2019/20		240,7	3.222,1	113,6	3.576,4	3.150,0	176,6	249,8
2020/21	Abr/21	249,8	3.288,0	100,0	3.637,8	3.050,0	160,0	427,8
	Mai/21	249,8	3.105,1	100,0	3.454,9	3.050,0	160,0	244,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2021.

Estoque de Passagem - feijão: 31 de dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

A primeira safra do ciclo 2020/21 está finalizada, alcançando uma produção de pouco mais de 1 milhão de toneladas do grão, somando os feijões do tipo comum cores, comum preto e caupi.

De modo geral, as lavouras apresentaram condições consideradas oscilantes durante o desenvolvimento vegetativo. É importante ressaltar que no início do ciclo boa parte das regiões produtoras registraram chuvas abaixo do esperado e temperaturas acima da média, porém com o avançar dos dias, as condições passaram a ser mais favoráveis, apresentando chuvas mais constantes.

Já no final do ciclo, a preocupação maior foi com excesso de chuvas



durante a maturação e a colheita, especialmente na Região Sul, bem como a restrição hídrica nas lavouras do Nordeste, principalmente na Bahia, em virtude do baixo volume pluviométrico registrado no centro e no extremo-oeste baiano.

Assim, houve redução no potencial produtivo da cultura, ficando abaixo do resultado obtido na temporada passada, especialmente em razão da diminuição do rendimento médio.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS GERAIS E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
		Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
		Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra - Safra 2020/2021											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense						S/E	E/DV/F	DV/F	EG/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							S/E/DV	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano					S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C	C
	Centro Norte Baiano						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C	C
	Centro Sul Baiano						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C	C
MT**	Sudeste Mato-grossense				S/E	DV	F	EG/M/C	M/C				
	Norte Mato-grossense				S/E	DV/F	F/EG	M/C	C				
GO	Leste Goiano				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Sul Goiano				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				
DF	Norte Goiano				S/E	E/DV	F/EG	EG/M	M/C				
	Distrito Federal				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Norte de Minas					S/E	S/E/DV	F/EG	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Oeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Campo das Vertentes				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Zona da Mata				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				

cont.



Legenda – Condição hídrica

Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra - Safra 2020/2021											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
SP**	Bauru	PS	S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C	C					
	Assis	S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C						
	Itapetininga	S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense			S/E/DV	E/DV	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
	Metropolitana de Curitiba			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
	Oeste Catarinense			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
SC	Norte Catarinense			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Serrana			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Noroeste Rio-grandense			S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M/C	C					
RS	Nordeste Rio-grandense			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	C				

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

**parte irrigado

Fonte: Conab.

ANÁLISE ESTADUAL - FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

FEIJÃO-COMUM CORES

A segunda safra de feijão-comum cores está em andamento, com algumas áreas já sendo colhidas em certos pontos pelo país.

De maneira geral, houve diminuição na área total plantada com a cultura nesta temporada em comparação a 2019/20 (redução de 10,5%), ficando em 364,3 mil hectares semeados.



Os maiores destaques do período ficam por conta das produções no Sul e Sudeste, porém o cultivo se espalha por todas as regiões brasileiras.

Em Rondônia, por exemplo, cerca de 3,9 mil hectares foram destinados ao plantio da cultura neste ciclo. As lavouras estão, majoritariamente, em fase de desenvolvimento vegetativo, dispondo de boas condições edafoclimáticas, até o momento.

Na Paraíba, o plantio do feijão-comum cores segunda safra está em andamento, com expectativa de destinação de 23,3 mil hectares para tal cultivo. Essa área semeada coloca o estado como aquele que dispensa a maior quantidade de área para a produção da cultura na segunda safra dentro da Região Nordeste, no entanto, o rendimento é considerado baixo, por se tratar, majoritariamente, de um sistema produtivo de baixa tecnificação, destacando-se entre os pequenos produtores.

Na Bahia, a semeadura do feijão de segunda safra está avançando, com previsão de manutenção da área plantada em 11 mil hectares. O cultivo é mais tardio, depois da colheita da soja, justamente para mitigar a incidência de mosca-branca, porém sem sofrer com os impactos da redução das precipitações durante o outono-inverno no extremo-oeste baiano (local onde está a maior concentração desse cultivo), já que as lavouras são dotadas de sistema de irrigação complementar.

Em Mato Grosso, a semeadura do feijão-comum cores nesta segunda safra está finalizada, confirmando a expectativa de redução na destinação de área para o plantio em virtude do atraso no ciclo da soja e a menor janela disponível para o cultivo das culturas de segunda safra. Existe a perspectiva por parte de alguns produtores em optar pelo plantio de outras culturas neste momento e semear o feijão-comum cores mais



adiante, no período de terceira safra. Dessa forma, foram 24,1 mil hectares semeados (diminuição de 41,3% em comparação à área semeada em 2019/20), com previsão de produção na ordem de 46,6 mil toneladas. As lavouras estão, predominantemente, em fase de desenvolvimento vegetativo e apresentam boas condições, até o momento.

Em Minas Gerais, houve aumento na destinação de área para o plantio do feijão-comum cores nesta segunda safra, se comparado ao visualizado na temporada passada. Foram cerca de 111,6 mil hectares semeados com a cultura nesta temporada, representando retração de 9,1% em relação a 2019/20. Até o momento, as lavouras apresentam boas condições e estão, majoritariamente, em fase de enchimento de grãos.

No Paraná, a safra está avançando, inclusive com o início das operações de colheita em algumas áreas. Devido ao clima seco, as lavouras tiveram uma piora em suas condições e, sem previsão de chuvas para as próximas semanas, é esperado um agravamento nessa situação, haja vista que a maior parte das lavouras está nas fases de floração e frutificação, que são estádios de alta demanda hídrica. As perdas de potencial produtivo já estão sendo visualizadas, visto que a estimativa atual é de produção na ordem de 188,3 mil toneladas. No entanto, vale destacar que essa previsão é bem superior ao resultado obtido em 2019/20, já que naquela safra, as perdas foram bastante significativas, em virtude das adversidades climáticas bastante proeminentes registradas ao longo do ciclo.

FEIJÃO-COMUM PRETO

O feijão-comum preto é o terceiro mais cultivado durante a segunda safra. Para esta temporada, haverá acréscimo na área cultivada em relação a 2019/20, alcançando 187,6 mil hectares semeados. O maior destaque



fica por conta da produção no Sul do país, especialmente no Paraná, que representa mais de 70% dessa área total.

Na Paraíba, a cultura é explorada em poucos municípios, e a área destinada ao seu plantio deve se manter comparação à safra passada, ficando em 2 mil hectares. As operações de semeadura alcançaram cerca de um terço da área total prevista até o fim de abril e deve se estender pelas próximas semanas.

Em Minas Gerais, o cultivo do feijão-comum preto se concentra nas regiões da Zona da Mata, Central e Rio Doce. A área destinada nesta safra foi de 5,8 mil hectares, com projeção de colheita na ordem de 4,9 mil toneladas.

No Paraná, confirmou-se a expectativa inicial de aumento na área plantada em comparação à temporada anterior em razão dos melhores preços pago pelo grão neste ciclo. Ao todo foram 134,1 mil hectares semeados com o feijão-comum preto nesta segunda safra. Tal valor simboliza aumento de 22,8% em relação ao total cultivado em 2019/20. O atraso no plantio trouxe preocupação aos produtores em relação ao ciclo da cultura, e a sua persistência no campo durante os dias frios do outono/inverno, que costumam ser rigorosos nessas regiões de produção. Atualmente, algumas áreas já registraram deficit hídrico a ponto de reduzir o potencial produtivo da cultura. Ainda assim, a produção estimada atualmente é na ordem de 217,9 mil toneladas.

Em Santa Catarina houve aumento na área semeada em comparação a 2019/20. Os preços atrativos pagos pelo produto e a janela de plantio encurtada, devido ao atraso nas culturas de primeira safra, fizeram com que muitos produtores optassem pelo cultivo do feijão. Assim, foram cerca de 26,2 mil hectares destinados a tal plantio nessa segunda safra.



As chuvas escassas de março e abril têm comprometido a expressão do potencial produtivo da cultura e do pacote tecnológico empregado pelos produtores. No geral, 46% das lavouras estão em boas condições, 44% em condições regulares e 10% em condições consideradas ruins.

No Rio Grande do Sul, a semeadura está finalizada e em algumas regiões que plantaram mais precocemente, a colheita já começou. Ao todo, foram 18,8 mil hectares destinados ao cultivo do feijão-comum preto nessa segunda safra. Os preços pagos pelo produto são considerados atrativos, mas as oscilações climáticas, especialmente em relação à escassez de precipitações em algumas localidades durante o ciclo, podem impactar o potencial produtivo da cultura.

FEIJÃO-CAUPI

Na Paraíba, a cultura tem grande relevância, principalmente por sua rusticidade, fazendo com que regiões de clima mais árido consigam produzir em quantidade satisfatória. Com isso, o cultivo é bastante pulverizado pelo estado, e a estimativa para esta temporada é de destinação de 73,9 mil hectares de feijão-caupi, visto que até o fim de abril cerca de 70% dessa área estava semeada.

Na Bahia, o cultivo do feijão-caupi de segunda safra ocorreu após a colheita da soja, destinando cerca de 35 mil hectares para tal semeadura. O manejo da cultura é realizado em condições de sequeiro e se concentra, majoritariamente, no extremo-oeste do estado. As condições climáticas registradas no período estão oscilantes, mas as lavouras apresentam bom desenvolvimento, até pela maior rusticidade que a cultura tem, especialmente em tolerância de deficit hídrico.



Em Mato Grosso, a semeadura do feijão-caupi foi encerrada agora em abril, com grande parte das lavouras sendo implantadas em um pequeno espaço de tempo, em virtude do atraso no ciclo das culturas de primeira safra que antecederam esse plantio. Mesmo assim houve incremento na área total semeada em comparação a 2019/20 (aumento de 28,8%), alcançando 152,8 mil hectares. O uso predominante de cultivares mais tradicionais, como Tumucumaque e Nova Era, é algo esperado na produção mato-grossense em razão da boa adaptabilidade que esses materiais demonstram na região.

De modo geral, as lavouras se encontram em estágio de desenvolvimento vegetativo e com boa sanidade. Por ter o feijão-caupi maior tolerância à escassez hídrica em relação a outras culturas, não há, por enquanto, indicativo de redução no potencial produtivo da cultura, mas as condições climáticas das próximas semanas serão determinantes para os resultados dessa safra.

QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS GERAIS E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Legenda - Condição hídrica												
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra - Safra 2020/2021										
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV
MA	Oeste Maranhense				PS	S/E	DV/F	EG/M	M/C			
	Centro Maranhense				PS	S/E	DV/F	EG/M	M/C			
	Sul Maranhense				S/E	S/E	DV/F	EG/M	M/C			
CE	Noroeste Cearense		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Norte Cearense		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Sertões Cearenses		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul		SS	S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C				
MT	Norte Mato		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Nordeste Mato		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Sudeste Mato		S/E	DV/F	EG	M/C	C					

continua

continua



Legenda - Condição hídrica

Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra - Safra 2020/2021										
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV
GO	Noroeste Goiano		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Norte Goiano		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Leste Goiano		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Sul Goiano		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
MG	Noroeste de Minas		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Central Mineira		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Vale do Rio Doce		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Oeste de Minas		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Sul/Sudoeste de Minas		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Campo das Vertentes		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Zona da Mata		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
ES	Central Espírito-Santense		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
SP	Campinas		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Assis		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Itapetininga		S/E	DV/F	EG	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	S/E	DV	DV/F	EG	EG/M	M/C					
PR	Norte Pioneiro Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense	S/E	DV	DV/F	EG/M/C	M/C	C					
	Oeste Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Centro-Sul Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Sudeste Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Metropolitana de Curitiba	S/E	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C					
	Oeste Catarinense		S/E/DV	F/EG	F/EG/M	M/C	C					
SC	Norte Catarinense		S/E/DV	F/EG	F/EG/M	M/C	C					
	Sul Catarinense		S/E/DV	F/EG	F/EG/M	M/C	C					
RS	Noroeste Rio-grandense	S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C					

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

ANÁLISE ESTADUAL - FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Os preparativos estão sendo realizados para implantação das lavouras de feijão terceira safra. Ao todo, são esperados cerca de 556,1 mil hectares semeados pelo país, com destaque para o feijão-comum cores no Centro-Oeste, no Sudeste e no Nordeste.



Foto 6– Feijão-Caupi em Araripina - PE

Fonte: Conab.

Foto 7 – Feijão-Caupi em Araripina - PE



Fonte: Conab.



Foto 8 – Feijão-preto em São Bento do Una - PE

Fonte: Conab.



Foto 9 – Plantio de feijão segunda safra em Rancharia - SP

Fonte: Conab.

Foto 10 – Plantio de feijão segunda safra em Rancharia - SP



Fonte: Conab.

**MILHO****ÁREA**

19.873,4 mil ha

7,3%

PRODUTIVIDADE

5.355 kg/ha

-3,3%

PRODUÇÃO

106.413,5 mil t

3,7%

Comparativo com safra anterior
Fonte: Conab**SUPRIMENTO****ESTOQUE INICIAL** 10.602,4 mil t**PRODUÇÃO** 106.413,5 mil t**IMPORTAÇÕES** 1.000 mil t

118.015,9 mil t

DEMANDA**CONSUMO INTERNO** 72.149,9 mil t**EXPORTAÇÕES** 35.000 mil t

107.149,9 mil t

As incertezas relacionadas ao clima irão nortear as informações e a conjuntura para o cereal, particularmente em maio, período decisivo para a definição da segunda e mais importante safra brasileira de milho, podendo estabelecer novas perspectivas para a produção brasileira na temporada 2020/21. A colheita do milho verão, com as suas características de poder postergar, para dar espaço para outras lavouras, particularmente na concorrência com a soja, avança para o seu término nas principais regiões produtoras. Os dados relacionados à terceira safra do cereal, cuja semeadura terá início a partir deste mês, receberão os estímulos tanto dos preços praticados atualmente quanto pela expectativa de normalização climática, nas regiões onde o plantio será exercido.

Na consolidação das três safras, o cenário atual aponta para uma produção de 106.413,5 mil toneladas de milho, representando um incremento de 3,7% em relação ao alcançado na safra passada.

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2020/21, a Conab apresenta nova expectativa de produção



total de milho. É esperada uma produção total de 106,4 milhões de toneladas, ou seja, aumento de 3,7% em relação à safra 2019/20. Esse ajuste ocorre diante de uma expectativa de aumento de 6,3% da produção de milho produzido durante a segunda safra.

Para os dados de consumo doméstico total, a Conab manteve sua projeção de 72,9 milhões de toneladas a serem consumidas durante a safra 2020/21, aumento de 6,2% ao observado na safra 2020. Além disso, a Conab mantém inalteradas as projeções de importação e exportação de grãos de milho em um milhão de toneladas e 35 milhões de toneladas, respectivamente, para a safra 2020/21.

O estoque final esperado em 2020/21 deverá ser de 10,9 milhões de toneladas, aumento de 2,5% em relação à safra anterior. O ajuste é explicado pelo aumento da produção total de milho em um montante superior ao aumento esperado para consumo agregado.

Por fim, cabe destacar, a Conab acredita que o suprimento nacional de milho, projetado neste boletim, comportará a demanda agregada ao longo de 2021 e permitirá um estoque suficiente para garantir o abastecimento nacional das cadeias agroalimentares e cumprir os contratos de exportação do cereal.



TABELA 8 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - MILHO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15	12.158,1	84.672,4	315,4	97.145,9	56.483,3	30.131,3	10.531,3
2015/16	10.531,3	66.530,6	3.336,2	80.398,1	56.319,1	18.847,3	5.231,7
2016/17	5.231,7	97.842,8	952,5	104.027,0	57.337,3	30.813,1	15.876,6
2017/18	15.876,6	80.709,5	900,7	99.203,1	59.162,0	23.742,2	14.582,1
2018/19	14.582,1	100.042,7	1.596,4	116.221,2	64.957,8	41.074,0	10.189,4
2019/20	10.189,4	102.515,0	1.453,4	114.157,8	68.662,5	34.892,9	10.602,4
2020/21	Abr/21	10.602,4	108.965,6	1.000,0	120.568,0	72.149,9	13.418,1
	Mai/21	10.602,4	106.413,5	1.000,0	118.015,9	72.149,9	10.866,0

Nota: Estimativa em março/2021.

Estoque de Passagem: 31 de Janeiro.

Fonte: Conab

AVALIAÇÃO POR ESTADO

MILHO PRIMEIRA SAFRA – 2020/21

O atraso das chuvas nas principais regiões produtoras do país estabeleceu importante influência no planejamento da produção das lavouras do milho primeira safra, como mudanças para a semeadura de soja e a decisão de transferir o plantio para o período da segunda safra do cereal. Mesmo assim, a área plantada, em linha com uma tendência já observada nas últimas temporadas, apresentou, em relação à safra passada, crescimento de 2,4%, atingindo 4.337,6 mil hectares nesta safra. Esse fato, no entanto, não foi suficiente para compensar os efeitos do clima, com a produção apresentando forte redução, ao atingir 24.676,8 mil toneladas, queda de 3,9% em comparação ao volume produzido no período 2019/20.

Na Região Norte/Nordeste houve incremento na área plantada com o cereal de 5,6%, estimada agora em 1.400,4 mil hectares. A produção registrou leve incremento de 0,8%, atingindo 5.994,4 mil toneladas.



Em Tocantins, o cereal já está sendo colhido. Neste levantamento estimou-se uma redução na área semeada de 1,8% em relação à safra anterior. Houve regiões em que os produtores optaram pelo plantio mais tardio da cultura, aguardando uma melhor regularidade das chuvas.

No Piauí, a área de milho apresentou redução de 1,6% em relação à safra passada, atingindo 428,5 mil hectares. Esta redução está relacionada à substituição do milho pela soja no sudoeste piauiense devido aos preços atrativos da oleaginosa. A produtividade média esperada para a cultura gira em torno dos 4.427 kg/ha, redução de 5,9% em relação à safra anterior. Esta produtividade leva em consideração as áreas de agricultura familiar e empresarial. O início do plantio do milho ocorreu em dezembro na região sudoeste piauiense e foi encerrada no final de janeiro, na região norte. Em geral as lavouras estão em boas condições. A cultura se encontra com cerca de 50% em enchimento de grãos, 48% em maturação e a colheita atinge 2%. As lavouras com estágio de desenvolvimento mais avançado estão no sudoeste piauiense, onde o plantio ocorre primeiro.

Na Bahia, o crescimento do cultivo nesta safra foi influenciado pela alta nas cotações ocorridas nos últimos meses de 2020. No entanto, a irregularidade das chuvas, em dezembro e janeiro, limitou a produtividade nas regiões centro-sul e centro-norte. No extremo-oeste, o crescimento da área cultivada foi estimulado pela redução no cultivo do algodão e às boas cotações no fim de 2020. No entanto, de acordo com o relato dos produtores da região, um dos motivos da menor expansão das lavouras tem sido a baixa liquidez quando comparado com a soja, bem como a venda fracionada. As lavouras estão em fase de maturação, e a colheita foi iniciada, evoluindo lentamente e deve se prolongar até junho. As lavouras apresentam ótimas qualidades, devendo, em algumas áreas, atingir a



produtividade média de 10.800 kg/ha. Houve relatos da exportação por meio de trades, com a expectativa que ainda sejam exportados novos lotes. No centro-norte, as lavouras da região de Irecê sofreram com o intervalo de chuvas entre março e abril, pois se encontravam na fase de enchimento dos grãos. Dessa forma, os agricultores esperam baixa produção, mesmo com a permanência do clima mais favorável. Em Senhor do Bonfim, as perdas estão estimadas em aproximadamente 80% da produção. No centro-sul, o milho foi o grão mais atingido pela seca do início deste ano. As lavouras plantadas ainda no final de 2020 não desenvolveram o suficiente, e as áreas cultivadas em janeiro não obtiveram o aporte hídrico necessário no momento de enchimento dos grãos. Calcula-se perdas de mais de 70% nas áreas cultivadas.

Em Mato Grosso, o milho se encontra com a colheita finalizada e rendimento médio bastante positivo, de 8.398 kg/ha. Os preços elevados têm incentivado maiores investimentos no milho, e a escassez da oferta fomentou a expansão da cultura, onde 52,2 mil hectares foram semeados, com elevação de 26,7% ante os 41,2 mil hectares do ciclo passado. Neste ano, além da tradicional procura com finalidade para alimentação animal, houve também registros de fomento por parte das usinas de etanol que, diante da restrição de oferta, incentivaram a semeadura de variedades específicas para atendimento de suas necessidades. Ainda assim, destaca-se que a soja, indubitavelmente, segue como a principal opção de cultivo na safra de verão, sendo a oferta principal de milho alocado na segunda safra.

Em Goiás, a colheita atinge 70% da área, com rendimentos variando entre 8.500 e 11.000 kg/ha. Praticamente toda a produção já está comprometida para as indústrias de ração e usinas de etanol localizadas no estado. Em algumas áreas de milho verão foram plantadas com feijão de segunda



safra (principalmente o caupi).

Em São Paulo, com as chuvas regulares desde dezembro, as lavouras de milho apresentaram desenvolvimento favorável, com expectativa de boa produtividade. Tal cenário é válido tanto para o milho de cultivo pós-feijão quanto para as lavouras plantadas anteriormente. A lavoura já foi colhida, e a área apresentou redução de 1,4%, com a produtividade atingindo 5.494 kg/ha.

No Paraná, a colheita está praticamente finalizada. As lavouras apresentaram grande redução na produtividade, atribuída, principalmente, aos ataques de cigarrinhas, vetor de patógenos causadores do enfezamento e, em menor escala, por déficit hídrico na implantação das lavouras e excesso de chuvas em janeiro. Essas chuvas de janeiro acabaram também por atrasar a colheita. Os preços se mantêm elevados, sustentados pela menor produção e pelas incertezas da segunda safra do cereal. Com isso, quase 70% da produção já foi comercializada.

Em Santa Catarina, a colheita caminha para o final. A cultura foi prejudicada durante o período de semeadura em agosto, setembro e parte de outubro, quando faltou chuva e o estande de plantas apresentou falhas nas linhas de semeadura. Já em dezembro e janeiro as chuvas foram excessivas. A partir de fevereiro constatou-se o desenvolvimento de doenças conhecidas como enfezamento. A doença sempre esteve presente nos campos, mas neste ciclo a intensidade foi maior e generalizada, causando tombamento de plantas, má formação de espigas e podridão do colmo e base das espigas. O agente transmissor dos patógenos é a cigarrinha do milho, inseto de difícil controle. Os cultivares mais utilizados foram os que se apresentaram mais susceptíveis, ainda assim



foi possível identificar alguns materiais tolerantes a serem testados na próxima safra. Muito embora os preços ao produtor estejam atrativos, esta realidade tem preocupado os produtores. Em levantamento junto aos técnicos das cooperativas, baseados na venda de sementes e em contato com produtores, estima-se uma queda na intenção de plantio de milho para a próxima safra. Apesar do aumento de 3,1% na área explorada, a produção de 2.052,4 milhões foi 26,3% menor que o da safra anterior. A produtividade obtida atingiu 5.925 kg/ha, 28,4% menor ao da safra passada, que atingiu 8.273 kg/ha.

No Rio Grande do Sul, a colheita, apesar das condições meteorológicas favoráveis em abril, evoluiu pouco, passando de 70% para 81%. Esse pequeno aumento ocorreu, já que os produtores e armazenadores deram prioridade para o recebimento das culturas do arroz e da soja, que se concentraram neste mês. Com o final da colheita desses grãos, a colheita do milho deve voltar a se intensificar. Além do produto já colhido, 13% da área se encontra em maturação e 6% em enchimento de grãos. A região sul é a que tem a maior parte a ser colhida, cerca de 50%, no planalto superior e centro faltam cerca de 15%, no planalto médio menos de 5% e no restante já foi praticamente concluído. As produtividades das lavouras com plantio antecipado foram severamente afetadas, impactando majoritariamente as lavouras da metade oeste do estado, com perdas de até 70%. Na região sul, embora a produtividade seja menor, não houve perdas significativas, já que o potencial produtivo é menor. No planalto superior as perdas não foram significativas, enquanto no planalto médio as perdas foram variáveis devido às chuvas pontuais.



QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS GERAIS E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – MILHO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica													
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra - Safra 2020/2021											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
MA	Oeste Maranhense					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sul Maranhense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PI	Norte Piauiense						S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro Norte Baiano					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro Sul Baiano					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
MT	Sudeste Mato-grossense				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
GO	Centro Goiano				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Leste Goiano				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sul Goiano				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
DF	Distrito Federal			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Belo Horizonte			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Oeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Campo das Vertentes			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Zona da Mata			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	São José do Rio Preto			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
SP	Ribeirão Preto			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Bauru			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Campinas			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Itapetininga			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
PR	Centro Ocidental Paranaense		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Norte Central Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Norte Pioneiro Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Centro Oriental Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Oeste Paranaense		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Curitiba		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			

continua



Legenda – Condição hídrica

Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra - Safra 2020/2021											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
SC	Oeste Catarinense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Norte Catarinense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C				
	Serrana		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C				
	Vale do Itajaí		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C			
	Nordeste Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C			
	Sudeste Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C			

Fonte: Conab.

Nota: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência.

MILHO SEGUNDA SAFRA – 2020/21

De uma maneira geral, as operações de semeadura envolvendo a segunda safra de milho nesta temporada foram duramente afetadas pelo atraso na colheita da soja, que provocou, de forma inédita, o plantio de aproximadamente 35% da área total fora do período recomendado pela área técnica, em alguns estados atendendo apelos dos produtores e suas associações. Este mês, com as peculiaridades do fenômeno La Nina, irá determinar o tamanho da safra brasileira para este cereal. A área plantada para a segunda safra está estimada atingir 14.968,8 mil hectares, representando acréscimo de 8,8% em relação ao exercício anterior. A produção esperada é de 79.799,4 mil toneladas, representando incremento de 6,6%, comparado à safra passada.

Na Região Norte/Nordeste, o estímulo proporcionado pelas cotações



impulsionou fortemente o plantio, com a área atingindo 1.697,7 mil hectares, aumento de 8,1% em relação ao exercício passado. O atraso ocorrido na semeadura acentuou o receio de comprometimento nos níveis de produtividades das lavouras, fato que ainda não atingiu as estimativas de produção, estimadas em 4.618,7 mil toneladas, incremento de 1,8% em relação à temporada passada.

No Maranhão, as lavouras estabelecidas na região sul, algumas semeadas no limite da janela ideal de plantio ou ligeiramente após a janela, seguem expressando um relativo potencial produtivo, encontrando-se no estágio de desenvolvimento vegetativo e, em sua maioria, em pendoamento. Nesse levantamento fica evidenciado que, a despeito do excesso de chuvas na implantação das lavouras do milho ocorreu um aumento de 10,1% na área plantada em relação à safra anterior, passando de 182,4 mil hectares, na safra 2019/20, para 200,9 mil, na atual.

No Piauí ocorreu forte aumento na área com relação à safra anterior, já que muitos produtores conseguiram implantar em áreas de soja ainda em outubro. Com isso, a colheita da soja foi antecipada, propiciando uma maior janela de plantio e em condições climáticas mais favoráveis. O plantio da segunda safra de milho teve início a partir do segundo decêndio de fevereiro e finalizou na segunda quinzena de março. Nesta safra houve relatos de dificuldade no andamento do plantio devido ao excesso de umidade em algumas áreas. Até o momento, registra-se uma área plantada de 82,1 mil hectares, 155,8% superior ao da safra passada. Esse aumento significativo se justifica em virtude do início do plantio dentro da janela ideal e pelas condições climáticas favoráveis atualmente, com níveis elevados de precipitação. São consideradas em boas condições 79% das lavouras, 16% em condição regular e 5% ruim. Quanto às fases



da cultura, 23% estão em desenvolvimento vegetativo, 39% em floração e 38% em enchimento de grãos. Conforme a distribuição das fases da cultura ainda são necessárias chuvas durante maio, para que a expectativa de produtividade, que gira em torno dos 4.548 kg/ha, seja atingida. Essa produtividade está praticamente em linha com a obtida na safra anterior.

Em Tocantins foi registrado, nos últimos dias, bons volumes de chuvas nas principais regiões produtoras, principalmente na região centro-norte, onde concentram as grandes áreas cultivadas com o cereal. A longo prazo, o clima torna-se o principal fator de risco para o desenvolvimento da cultura, uma vez que 75% do milho foi semeado fora da janela ideal de plantio, ou seja, a partir do primeiro decêndio de março. Atualmente a cultura se encontra 100% no estágio de desenvolvimento vegetativo.

Na Bahia espera-se que as lavouras ocupem uma área de 40 mil hectares, com os plantios aproveitando os meses finais da estação chuvosa. Esse cultivo ocorre no extremo-oeste e não está contemplado no zoneamento agrícola, não dispondo de custeio agrícola e seguro.

Em Rondônia, a área cultivada será de 200 mil hectares, 7,5% maior que a safra passada, quando foram cultivados 186 mil. A lavoura está 100% plantada. Iniciou-se na segunda quinzena de janeiro, concentrando em fevereiro e finalizando na última semana de março. O nível tecnológico é alto, porque a maioria dos produtores plantam a soja e em seguida o milho. A caracterização fenológica é a seguinte: 10% em desenvolvimento vegetativo, 55% em floração e 35% em enchimento de grãos. As lavouras implantadas estão em excelentes condições, uma vez que as chuvas no fim de janeiro e em fevereiro cobriram toda a região produtiva. Outro fator positivo foi a adubação residual de soja, prontamente absorvida pelas plantas em formação.



Na Região Centro-Sul, estimulados pelas cotações e também pela ampliação dos prazos de plantio, determinado pelo zoneamento agrícola em alguns estados, o aumento na área plantada atingiu 13.271,1 mil hectares, incremento de 8,9% sobre o exercício anterior. A expectativa de produção se reflete numa aposta contra o clima, estimado agora atingir 75.180,8 mil toneladas, aumento de 6,6% em relação à safra passada.

Em Mato Grosso, com 40% da área plantada semeada fora da janela ideal, maio será determinante para medir o desempenho do milho em Mato Grosso. Até o momento, as lavouras têm apresentado desenvolvimento positivo, de modo geral, porém ainda será necessário aguardar um pouco mais para garantir seu pleno desenvolvimento. No que se refere aos aproximadamente 60% do milho plantado dentro da janela ideal, ou seja, até o final de fevereiro, há um consenso de que está salvo e com expectativa bastante elevada de produtividade devido também aos elevados pacotes tecnológicos empregados. O fato de o estado ter grandes dimensões, com heterogeneidade no clima e também no momento da semeadura, tende a mitigar o risco de quebra significativa e generalizada. No entanto, há risco atrelado às lavouras semeadas fora da janela, pois elas se encontram majoritariamente nos estádios de floração e desenvolvimento vegetativo, ou seja, é necessário que as condições de manutenção de umidade de solo e de aporte necessário do ponto de vista hídrico se mantenham ao longo de maio, quando o milho estará predominantemente no estágio de enchimento de grãos. Os elevados preços atribuídos ao cereal culminaram em aumento significativo de área plantada, de 7,5%, com salto de 5.414,4 mil para 5.818,3 mil hectares. Neste momento, a comercialização se encontra em ritmo lento em relação à produção de 2020/21, tendo em vista que 73,8% da safra já foi vendida, e as incertezas climáticas fazem com que o produtor se retraia.



Em Mato Grosso do Sul, o principal problema com a cultura tem sido o clima, com aproximadamente 40 dias sem ocorrência de chuvas gerais. Há lavouras que foram semeadas no pó no início do mês e só vieram emergir na última semana de abril, quando receberam chuvas. Muitos produtores suspenderam a realização da adubação nitrogenada de cobertura, pois as plantas atingiram o estágio adequado para a operação, mas a falta de umidade reduziria sensivelmente o aproveitamento do nutriente. Apesar de o manejo fitossanitário ter evoluído em relação às safras passadas, a cigarrinha do milho está demandando atenção devido a repetidas reinfestações por todo o estado. Outra praga que começa aparecer nas lavouras que iniciaram a fase reprodutiva é o pulgão do milho, indicando a necessidade de controle, pois é uma praga que suga a planta e excreta substâncias açucaradas, reduzindo a fotossíntese e ocasionando a formação de grãos com menor peso específico. Como as noites estão com temperaturas amenas, está ocorrendo formação de orvalho em grande quantidade, favorecendo o aparecimento da doença chamada turcicum, que provoca manchas foliares, reduzindo a taxa fotossintética das plantas. Esse fato vem forçando os produtores a reforçarem as aplicações de fungicidas no momento em que o clima não é adequado para a operação. Diante das situações elencadas, a estimativa da produtividade média estadual está sendo reduzida em relação ao levantamento do mês passado e só não é maior porque a grande maioria das lavouras ainda não atingiu o estágio reprodutivo, o que ainda deixa margem para recuperação caso ocorra uma normalização climática nos próximos dias, o que não está previsto.

Em Goiás, o atraso no plantio, aliado à escassez de chuvas em abril, comprometeram as condições de desenvolvimento das lavouras. As chuvas ocorridas no final do mês ajudaram a manter a expectativa de



produtividade em algumas localidades. Ainda assim, são relatados baixos volumes e desuniformidade de precipitações em muitos municípios. A distribuição da fase fenológica da cultura segue com 40% na fase vegetativa (até o pré-pendoamento), 40% na fase de pendoamento e 20% na fase de enchimento de grãos. O plantio tardio também tende a levar a um menor investimento do produtor em relação ao pacote tecnológico empregado na cultura. Em algumas localidades estima-se que cerca de 50% dos produtores devem fazer algum tipo de redução no volume de recursos empregados no cultivo, seja reduzindo o número de aplicações de agrotóxicos, seja com redução na adubação de cobertura. Apesar disso, nota-se que a oferta de insumos tem sido satisfatória para a condução dos tratos culturais, com relatos recorrentes de ataques de cigarrinha nas lavouras.

Em Minas Gerais a safra de milho está em expansão e trabalha-se com estimativa de área plantada atingindo 600,5 mil hectares, representando um espetacular crescimento de 33,2% em relação ao observado na safra passada. Ocorre que a janela de plantio está muito estreita, e este quadro inicialmente previsto pode ser transferido para o plantio de sorgo, feijão segunda safra e girassol. Por enquanto, os dados refletem o aumento originalmente pretendido, com o plantio totalizando 80% da área prevista.

Em São Paulo, o plantio foi encerrado, e a lavoura está em grande parte nos estágios de emergência e desenvolvimento vegetativo. Informantes reportam preocupação com a estiagem que se alonga no estado. A possibilidade de quebra na safra já é admitida, e a previsão de poucas chuvas reforça o pessimismo dos produtores. Por enquanto não existem informações de ocorrências atípicas de pragas.

No Paraná, o plantio já foi concluído, com bastante atraso, apresentando



aumento significativo da área de 9,5% em relação ao exercício passado, motivado pelos bons preços do cereal. O atraso na implantação deveu-se ao clima extremamente úmido em janeiro, que praticamente impossibilitou a colheita da soja, não liberando área para o milho. Devido à falta de chuvas de fevereiro em diante, as lavouras tiveram piora significativa na qualidade, apresentando estandes bem comprometidos e a quebra na produtividade já é dada como certa. Também há relatos de moléstias de enfezamento pálido e vermelho. O produtor paranaense não tem perfil de fixar vendas antecipadas em grande volume para o milho e nesta safra não foi diferente. Mesmo com os preços estimulantes, a comercialização mantém-se em torno de 15%.

QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS GERAIS E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – MILHO SEGUNDA SAFRA

Legenda – Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
	Média Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva
	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Excesso de Chuva
	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra - Safra 2020/2021								
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Leste Rondoniense - RO	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins - TO		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
MA	Sul Maranhense - MA		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
PI	Sudoeste Piauiense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	C	
CE	Noroeste Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Norte Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sertões Cearenses		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Jaguaribe		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro-Sul Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sul Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Potiguar		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
RN	Agreste Potiguar			S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
PB	Sertão Paraibano		PS	S/E/DV	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Agreste Paraibano			S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
PE	Sertão Pernambucano		PS	S/E/DV	F/EG	EG/M	M/C	C		
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	EG/M/C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	EG/M/C	C

Legenda – Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
	Média Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva
	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Excesso de Chuva
	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas



Legenda – Condição hídrica

Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra - Safra 2020/2021								
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
MT	Norte Mato-grossense - MT	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense - MT	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C
GO	Leste Goiano - GO		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sul Goiano - GO	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas - MG		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C
SP	Assis - SP	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C
	Itapetininga - SP	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C
PR	Noroeste Paranaense - PR	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C
	Centro Ocidental Paranaense - PR	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C
	Norte Central Paranaense - PR	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense - PR	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C
	Oeste Paranaense - PR	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência.

Fonte: Conab.

MILHO TERCEIRA SAFRA – 2019/20 E INTENÇÃO DE PLANTIO PARA A TEMPORADA 2020/21

Os dados relacionados à terceira safra do cereal, cujo plantio terá início a partir deste mês, terão como suporte os fortes estímulos dos preços ora praticados, estando previsto para a terceira safra a continuidade no crescimento da produção. As estimativas de área plantada para o milho no período 2020/21 estão estimadas atingir 567 mil hectares, com produção prevista de 1.937,3 mil toneladas, representando acréscimo de 5,1% em relação à safra passada.



Foto 11 – Milho em emergência em Paripiranga - BA

Fonte: Conab.

Foto 12 – Milho estocado em silo bolsa no Município de Paripiranga - BA



Fonte: Conab.



Foto 13 – Lavoura de milho Município de Luiú - BA

Fonte: Conab.



Foto 14 – Milho em Estresse hídrico em Alvorada do Sul - PR



Fonte: Conab.

Foto 15 – Milho em Estresse hídrico em Alvorada do Sul - PR



Fonte: Conab.

Foto 16 – Milho primeira safra - DF



Fonte: Conab.



Foto 17 – Milho primeira safra - DF

Fonte: Conab.

Foto 18 – Milho primeira safra - DF



Fonte: Conab.



Foto 19 – Milho segunda safra - DF

Fonte: Conab.



Foto 20 – Milho infestado de pulgão em Costa Rica - MS

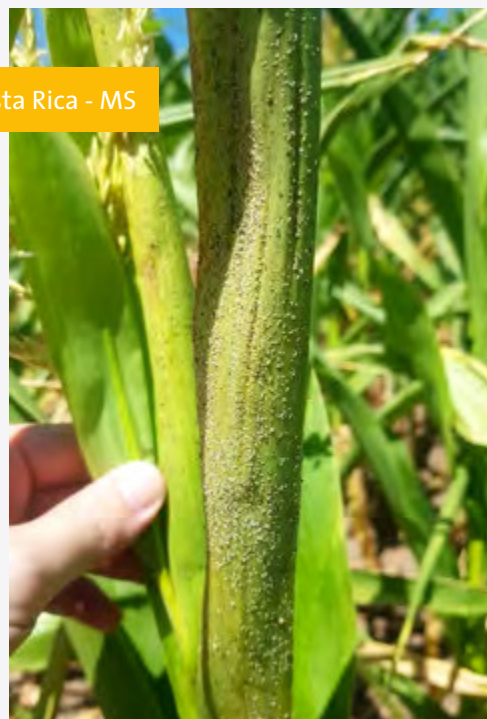


Foto 21 – Milho Segunda safra em Sonora - MS



Fonte: Conab.

Foto 22 – Milho segunda safra em Vicentina - MS



Fonte: Conab.



Foto 23 – Lavoura de milho em Cedro - PE

Fonte: Conab.

Foto 24 – Milho em Itapeva - SP



Fonte: Conab.

Foto 25 – Milho Segunda safra no município de Panamá - GO



Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).



SOJA

ÁREA

38.502,1 mil ha
4,2%

PRODUTIVIDADE

3.517 kg/ha
4,1%

PRODUÇÃO

135.408,8 mil t
8,5%

Comparativo com safra anterior.
Fonte: Conab.

A área plantada de soja no período 2020/21 apresentou crescimento de 4,2% em comparação à safra anterior, atingindo 38,5 milhões de hectares. Apesar dos problemas com o clima, vivenciadas pelas lavouras tanto no plantio quanto na colheita, a produtividade alcançada registrou incremento de 4,1% em relação ao exercício passado. Com isso, mais uma vez foi atingida produção recorde de 135,4 milhões de toneladas, representando incremento de 8,5% em comparação à safra passada.

OFERTA E DEMANDA

MERCADO INTERNACIONAL

O preço de soja na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) encerrou abril de 2021 cotado em UScents 1.571/bu, o maior valor nominal desde julho de 2013. A média CBOT de abril de 2021 foi de UScents 1.462,57/bu, ou seja, 73,25% mais alta que a média de abril de 2020, cotada a US\$ 844,2/bu, com relação a março de 2021. Dessa maneira a alta dos preços Chicago foi de 3,37% no período.

O principal parâmetro de alta de Chicago continua o mesmo, os baixos estoques de passagem americanos, outros fundamentos que elevaram a cotação internacional em abril foi a elevação dos preços de óleo de soja, os óleos vegetais estão sob suporte de uma forte demanda (principalmente de



biodiesel) e problemas na safra da palma na Ásia devido ao clima.

É esperado que os preços internacionais continuem firmes em abril, ainda influenciados pela perspectiva de baixos estoques americanos.

O mercado espera o primeiro quadro de oferta e demanda de soja do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) para a safra 2021/22, que será divulgada no dia 12 de maio de 2021, a maior expectativa é com a estimativa de produção, uso e principalmente estoques de passagem dos Estados Unidos para a safra 2021/22.

MERCADO NACIONAL

PREÇOS

Os preços internacionais em alta e o real desvalorizado ainda são os principais motivos para a elevação dos preços nacionais que, em abril de 2021, foram cotados, em média (Brasil, todos os estados) de R\$ 161,41 a saca de 60 quilos, um aumento de 85,55% em relação ao mesmo período de 2020, estimado em R\$ 86,99 a saca de 60 quilos e 2,50% maior que março de 2021, no valor médio de R\$ 157,46 a saca de 60 quilos.

Para maio de 2021 é esperado que os preços nacionais continuem elevados, influenciados ainda pela paridade de exportação.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a produção de soja para a safra 2020/21 seja de 135,41



milhões de toneladas, um aumento de 8,5% em relação à safra anterior, que foi de 124,85 milhões de hectares, esse aumento de produção é motivado pela alta dos preços internacionais, a forte demanda exportadora e aumento da demanda interna.

A demanda interna total (esmagamentos, sementes e perdas) está estimada em 50,44 milhões de toneladas. Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), as exportações de soja para abril foram estimadas em 17,38 milhões de toneladas. Esse número é 17,02% maior que o exportado em abril de 2020.

Com isso, as exportações brasileiras em 2021, de soja, somam aproximadamente 33,59 milhões de toneladas, esse número é 5% superior ao exportado de janeiro a abril de 2020. Em 2021 é esperado uma exportação próxima de 85,6 milhões de toneladas.

Os estoques de passagem de soja em grãos, da safra 2020/21, devem ser um pouco mais elevados que os estoques da safra 2019/20, e não haverá falta de produto para abastecer o mercado interno.

ANÁLISE REGIONAL

REGIÃO NORTE-NORDESTE

O plantio regional atingiu 5.847,8 mil hectares, 7% de incremento em relação à área da safra anterior. Mesmo com as dificuldades apresentadas pelo clima, mas que não comprometeram os níveis de produtividade, a produção atingiu 20.263,1 mil toneladas, representando incremento de 8,2% em relação ao exercício anterior.



Em Rondônia ocorreu aumento na área plantada de 13,8% em relação ao levantamento anterior, saindo de 348,4 mil hectares para 396,5 mil. Essa variação foi justificada pelo aumento dos cultivos da segunda safra de soja. Com a atipicidade climática registrada desde o início do ano agrícola, reduziu-se a janela para a segunda safra de milho. Como o preço da saca de soja estava, na ocasião, superior ao do milho, o ciclo da soja sendo mais curto ao utilizar cultivares/variedades precoces, o produtor optou por aumentar a área cultivada de soja segunda safra. A semeadura da segunda safra iniciou em janeiro, quando os primeiros talhões da soja de primeira safra foram colhidos, estendendo-se até a primeira quinzena de março, visto que em fevereiro houve a concentração da semeadura. A primeira safra foi totalmente colhida e a segunda, cerca de 50% se encontra no estágio de floração e 50% em enchimento de grãos.

Em Tocantins, com a proximidade da finalização do processo de colheita, a produtividade média das lavouras situou-se abaixo da média histórica, ora calculada em 3.178 kg/ha. Fatores como o veranico, que acometeu a lavoura durante as fases críticas (floração e enchimento de grãos) e o excesso de chuvas durante o início do processo de colheita, retardando o acesso dos maquinários às áreas cultivadas, explicam o baixo desempenho. Com a melhoria do clima, o processo de colheita foi acelerado pelos produtores de olho principalmente na janela de plantio para a semeadura do milho segunda safra. Durante a reta final da colheita, os produtores começaram a contabilizar os reais prejuízos oriundos da instabilidade climática no estado. De acordo com os últimos relatos, a quebra de qualidade dos grãos colhidos resultou num decréscimo de aproximadamente 4,3% na produtividade, se comparado à safra anterior. Mesmo com o aumento de 3,5% da área semeada nesta safra, a produção foi reduzida em torno de 1% em comparação à safra anterior.



No Piauí, o plantio da soja iniciou na segunda quinzena de outubro e encerrou com os replantios que ocorreram na primeira semana de janeiro. Houve um expressivo aumento de área na safra atual, atingindo 835,5 mil hectares, expansão de 10,1% em relação à safra passada. Parte deste aumento veio da migração de áreas de algodão e milho primeira safra e também devido à abertura de novas áreas, principalmente no sudoeste. Lavouras mantiveram-se em boas condições na sua quase totalidade durante todo o ciclo. Atualmente 92% da área de soja já foi colhida. Apesar das condições de chuvas irregulares durante janeiro, a cultura se desenvolveu sem grandes prejuízos, principalmente pelo retorno das chuvas de forma mais generalizada no início de fevereiro, favorecendo o desenvolvimento final das lavouras. A continuidade das precipitações gerou problemas, provocando atrasos na colheita durante março. Mesmo diante deste cenário espera-se uma produtividade dentro da normalidade, girando em torno dos 3.387 kg/ha, com acréscimo de 0,3% em relação à safra passada. A qualidade do grão colhido está sendo considerado bom.

No Maranhão, a colheita na região sul, a mais importante na produção de grãos, encontra-se praticamente finalizada, estimando-se que 72% da área estadual esteja encerrada. Na microrregião de Chapadinha, a cultura implantada entre dezembro e meados de fevereiro teve bom desempenho em razão do regime de chuvas. As lavouras nesta região encontram-se nos estágios de enchimento de grãos e maturação, com algumas unidades produtivas iniciando a colheita na última semana de abril. Na região do Baixo Parnaíba Maranhense houve dificuldades na implantação inicial da lavoura devido à estiagem entre janeiro e início de fevereiro. Apesar do baixo volume de chuvas, as lavouras apresentam-se em bom estado, nos estágios de enchimento de grãos e maturação. A colheita ocorrerá entre maio e início de junho. Nessas regiões, a expectativa é de boa produtividade, superior



a 3.000 kg/ha. As lavouras localizadas na região oeste e centro-sul do estado, normalmente implantadas mais tardiamente em relação as demais regiões, encontram-se nos estágios de maturação fisiológica e colheita. Neste levantamento foi possível evidenciar incremento de 3% na área plantada de soja em relação à safra 2019/20, passando de 976,4 mil hectares para 1.005,7 mil, com uma produtividade média de 3.262 kg/ha.

Na Bahia, com o plantio iniciado em outubro e finalizado em dezembro, as lavouras seguem em ritmo de expansão ano após ano. Nesta safra, a oleaginosa se expandiu sobre áreas novas e sobre áreas anteriormente cultivadas com algodão. No extremo- oeste observou-se o crescimento da área cultivada, estimulada pela redução do cultivo do algodão e pela alta nos preços, evolução do dólar e aumento da demanda internacional. Apesar da ocorrência de veranico durante janeiro, em algumas localidades chegando a 20 dias sem registro de chuvas, fevereiro e março apresentaram bons índices pluviométricos, exatamente no momento em que as lavouras de sequeiro estavam na fase de floração e enchimento de grãos. Esse fator contribuiu para que a produtividade média fosse estimada em 4.020 kg/ha. A colheita avança em 90% da área cultivada e deve se estender até o início de maio.

REGIÃO CENTRO-OESTE

A região foi bastante afetada pela instabilidade do clima, particularmente no momento da colheita. Houve incremento de 3,5% na área plantada, totalizando 17,2 milhões de hectares, com uma produção de 61.390 mil toneladas, representando aumento de 1,1% em relação ao exercício passado.

Em Mato Grosso, a colheita foi encerrada desde a primeira quinzena de



abril, e o balanço que se faz da produtividade é bastante positivo, ainda que o resultado tenha sido afetado pelas condições climáticas em relação ao ciclo passado, que atingiu 3.587 kg/ha, contra 3.492 kg/ha obtidos no atual período. Tais condições trouxeram comprometimento desde o início do plantio, quando houve falta e irregularidade pluviométrica, na sua fase final, quando o excesso de chuvas em diversas regiões do estado provocou umidade elevada, afetando parcialmente a qualidade dos grãos. No entanto, de modo geral, o desempenho foi positivo, dado que os elevados investimentos e pacotes tecnológicos empregados às lavouras atenuaram as adversidades e contribuíram para garantir o resultado. O estado colheu 35.947,3 mil toneladas, ante as 35.884,7 mil toneladas colhidas no ciclo anterior.

Em Mato Grosso do Sul, a colheita foi encerrada na primeira quinzena de abril, pois muitas lavouras foram semeadas ou ressemeadas em dezembro devido à falta de chuvas naquele período. Como a maior parte dessas lavouras tardias havia sido cultivada em solos arenosos e/ou de primeiro ano de cultivo, apresentaram produtividades abaixo do esperado, prejudicando o aumento estimado no levantamento passado. Assim, a média produtiva estadual encerrou a safra com 3.630 kg/ha.

Em Goiás, a colheita foi concluída, estimando-se que mais de 85% da safra já esteja comercializada. Os relatos obtidos durante este levantamento consolidam as produtividades médias para a região e indicam valores próximos aos observados na safra 2019/20, de 3.714 kg/ha. Os produtores reduziram a comercialização de contratos futuros em razão das notícias sobre a evolução das condições climáticas nas lavouras de soja norte-americanas. Foram relatadas negociações de insumos para o plantio da safra 2021/22, principalmente no sudoeste do estado. Os aspectos logísticos estão sendo considerados como dentro da normalidade para o



período, sendo registrados casos de filas de caminhões em razão do grande volume de grãos chegando aos armazéns em um mesmo período.

REGIÃO SUDESTE

Na Região Sudeste ocorreu incremento expressivo de 11% na área plantada, atingindo 3.061,3 mil hectares e a produção registrou forte impulso, superando em 11,7% o volume alcançado no ano passado, atingindo 11.321,1 mil toneladas.

Em São Paulo, a colheita da soja já encerrou. Com aumento de área de 4,7% e produtividade de 3,7%, a produção alcança um aumento de 8,6%, atingindo 4,3 milhões de toneladas. Destaque, mais uma vez, para o avanço da soja sobre áreas de cana-de-açúcar e pastagens. O clima mais favorável também ajudou no crescimento da produção. Os preços continuam em elevação e, segundo as cooperativas, boa parte da soja já se encontra com contratos fechados para a próxima safra.

REGIÃO SUL

Incremento observado na área plantada de 2,4% em relação ao exercício anterior, atingindo 12.377,2 mil hectares. Exceção feita ao ocorrido no Paraná, onde o clima afetou a produtividade das lavouras, o desempenho nos demais estados foi espetacular, especialmente no Rio Grande do Sul. A região apresentará forte produção, sendo esperado atingir 42,4 milhões de toneladas, representando incremento de 20,2% sobre o exercício passado.

No Paraná, a colheita da safra de soja aproxima-se do final, com 98% da



área já colhida. Com o término da colheita, a redução da produção de aproximadamente 8% em relação à safra anterior, tende a se confirmar, com a produção paranaense da oleaginosa ficando abaixo dos 20 milhões de toneladas.

Em Santa Catarina cerca de 93,4% da área já foi colhida. As produtividades recordes esperadas em janeiro e fevereiro foram desconsideradas devido à falta de chuvas em março e abril nas regiões produtoras. Ainda assim, espera-se obter uma média de 3.409 kg/ha, valor 3% superior ao obtido na safra anterior, que alcançou 3.310 kg/ha. A produção deve alcançar 2.398,9 mil toneladas, 6,5% superior ao da safra passada e a segunda maior da série histórica. Em termos de área explorada, esta foi a maior com a cultura atingindo 703,7 mil hectares, 3,4% maior que a safra anterior. Em virtude da quebra de produtividade do milho e dos bons preços da soja, espera-se para a próxima safra nova expansão na área cultivada com a oleaginosa.

No Rio Grande do Sul, as condições meteorológicas de abril foram ótimas, e a colheita da soja evoluiu significativamente, pulando de 11% para 73% da área, devendo ser concluída na primeira quinzena de maio. Diferentemente do ano anterior, quando a seca ocorrida de fevereiro a maio impactou drasticamente a cultura, nesta safra verificou-se a antecipação da colheita, que chegou a mais de 90% da área em abril. Neste ciclo, a semeadura foi atrasada em boa parte do estado devido à falta de chuvas, que ocorreu entre setembro e novembro.

Além do percentual colhido, 20% encontra-se em maturação e 7% em floração, essa última parcela é referente à soja safrinha, em sua maioria. Com a evolução da colheita, vem se confirmando a grande expectativa gerada pelos diversos entes da cadeia produtiva, que esperavam uma das melhores



safras dos últimos anos. Com exceção de uma pequena área, que engloba a Fronteira Oeste, Missões e parte do Alto Uruguai, em que houve redução das chuvas a ponto de comprometer o potencial produtivo, as demais regiões têm registrado níveis de rendimento semelhantes ou superiores aos verificados nas melhores safras. Até mesmo na região sul, historicamente menos produtiva, os rendimentos estão sendo os melhores já verificados. A produtividade nesta safra foi determinada principalmente pela época de semeadura, já que aquelas lavouras semeadas mais cedo e dentro da janela preferencial, passaram pela estiagem de fevereiro/março quando estavam em final de enchimento de grãos ou maturação, enquanto aquelas semeadas no final da janela, já em dezembro, a estiagem coincidiu com a floração, fixação de vagens e início do enchimento de grãos, comprometendo seu potencial produtivo. A produtividade média foi ajustada para cima, passando para 3.330 kg/ha, 0,5% em relação ao mês anterior. Apesar que ainda restam ser colhidas as lavouras mais tardias, com potencial menor nesta safra, a produtividade média ainda pode ser superior, a depender dessas últimas áreas. Embora o rendimento, até o momento, não seja a maior da série histórica, a produção de 20.163,8 mil é a maior já verificada no estado e 76,2% acima do verificado na safra anterior.



QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS GERAIS E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – SOJA

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva			Baixa Restrição - Excesso de Chuva				Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			
			Média Restrição - Falta de Chuva			Média Restrição - Excesso de Chuva				Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			
			Alta Restrição - Falta de Chuva			Alta Restrição - Excesso de Chuva				Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			
UF	Mesorregiões	Soja - Safra 2020/2021											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RR	Norte de Roraima	M/C	C						PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M
RO	Leste Rondoniense	PS	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C					
PA	Sudeste Paraense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C		
TO	Ocidental do Tocantins		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	S/E	E/DV	DV	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PS	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PS	S/E	DV	F	EG/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PS	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PS	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	PS	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
GO	Leste Goiano		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		S/E	DV	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			S/E	DV/F	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		S	S/E	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		S/E	E/DV	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	S/E	E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Norte Catarinense	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Serrana	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
RS	Noroeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

**TRIGO****ÁREA**

2.457,4 mil ha

4,9%

PRODUTIVIDADE

2.702 kg/ha

1,5%

PRODUÇÃO

6.639,5 mil t

6,5%

Comparativo com safra anterior
Fonte: Conab**SUPRIMENTO****ESTOQUE INICIAL** 113 mil t**PRODUÇÃO** 6.639,5 mil t**IMPORTAÇÕES** 6.400 mil t

13.152,5 mil t

DEMANDA**CONSUMO INTERNO** 12.113,6 mil t**EXPORTAÇÕES** 600 mil t

12.113,6 mil t

O plantio começa a avançar por todas as regiões produtoras do país, inclusive na Região Sul, que é a de maior destaque em termos de destinação de área e em produção do cereal.

As condições climáticas estão irregulares, principalmente no que se referem às precipitações, com pouca ou nenhuma chuva registrada por vários dias em diversas localidades importantes para a triticultura.

A expectativa é de uma incidência mais regular das precipitações para garantir umidade adequada nos solos, viabilizando a germinação, emergência e desenvolvimento inicial das lavouras.

Ainda assim, a estimativa atual aponta para aumento de área plantada nesta safra em comparação a 2020 (incremento previsto de 4,9%), podendo chegar a mais de 2,4 milhões de hectares semeados.



OFERTA E DEMANDA

Em abril de 2021, o mercado doméstico permaneceu apresentando valorização em suas cotações mensais em meio a um cenário de escassez de trigo nacional, somado à alta do dólar e à necessidade de importações, ao aumento nos custos dos fretes e também pelo reajuste no preço do trigo argentino. A média do Paraná foi cotada a R\$ 88,69 a saca de 60 quilos, apresentando valorização mensal de 10,57%. Já no Rio Grande do Sul, a média mensal foi de R\$ 80,43 a saca de 60 quilos, apresentando valorização de 2,46%.

Já no mercado internacional, as cotações também apresentaram valorizações, tendo como principal fator impulsionador a alta das cotações do milho. Contribuíram também como fatores altistas o clima desfavorável à cultura de trigo nos Estados Unidos e no Canadá, a divulgação pelo Usda de corte nos estoques finais mundiais e a alta nos preços físicos em diversos países no mundo. A média de abril de 2021 da cotação FOB Golfo foi de US\$ 291,42 a tonelada, apresentando valorização mensal de 3%.

Os dados preliminares do Ministério da Economia, referentes à Balança Comercial, apontam um volume de importações em abril de 2021 de 467,8 mil toneladas de trigo e de exportações de 21,2 toneladas no mesmo período.

Foram revisados os números referentes ao volume exportado e ao consumo no que se refere ao uso para moagem industrial na safra 2020/21 e, com esse aumento, houve diminuição no volume de estoque de passagem da referida safra e no estoque inicial da safra vindoura. Em relação à safra 2021/22, a Conab revisou também o quantitativo a ser produzido, que passou de 6.371 mil toneladas para 6.639,5 mil toneladas. Além dessas alterações, foram



reajustados os números referentes ao consumo interno, no que se refere à moagem industrial e ao uso de sementes devido à estimativa de aumento de área plantada.

TABELA 9 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014	2.414,1	5.971,1	5.328,9	13.714,1	10.652,2	1.680,5	1.381,4
2015	1.381,4	5.534,9	5.517,6	12.433,9	10.312,7	1.050,5	1.070,7
2016	1.070,7	6.726,8	7.088,5	14.886,0	11.470,5	576,8	2.838,7
2017	2.838,7	4.262,1	6.387,0	13.487,8	11.244,7	206,2	2.036,9
2018	2.036,9	5.427,6	6.753,1	14.217,6	12.435,8	582,9	1.198,9
2019	1.198,9	5.154,7	6.676,7	13.030,3	12.460,6	342,3	227,4
2020*	227,4	6.234,6	6.600,0	13.062,0	12.099,0	850,0	113,0
2021**	113,0	6.639,5	6.400,0	13.152,5	12.113,8	600,0	438,7

Legenda: (*) Estimativa

(**) Previsão

Fonte: Conab.

Nota: Estoque de Passagem - Milho: 31 de Julho.

ANÁLISE ESTADUAL

O local de grande destaque para as culturas de inverno no país, em especial a de trigo, é a Região Sul. Seu clima temperado favorece o desenvolvimento desses cereais e proporciona boa adaptabilidade a eles em relação aos seus centros de origem.

Nesta safra 2021, só para a triticultura, a perspectiva é que sejam destinados mais de 2,2 milhões de hectares na região, representando mais de 90% da área total prevista para todo o país.

O Paraná encabeça esse destaque, com expectativa inicial de destinação de 1.158,1 mil hectares para semeadura de trigo nesta temporada. As operações de plantio ainda estão incipientes, até em virtude da escassez



de precipitações e do baixo acúmulo de umidade nos solos, inviabilizando a implantação das lavouras. No entanto, há perspectiva de aumento dessa intenção de plantio, pois os preços pagos pelo produto estão atrativos.

No Rio Grande do Sul, outro grande estado produtor de trigo no país, a previsão é de semear cerca de 986 mil hectares com a cultura, nesta temporada. Tal estimativa aponta para um crescimento de 6% em relação à área plantada na safra anterior. Os preços mais elevados pagos pelo cereal despertam esse maior interesse em expandir a área semeada, no entanto, essas intenções podem ser revistas caso as condições climáticas continuem desfavoráveis.

Em Santa Catarina, o plantio ainda não começou, mas a previsão inicial é de ao menos manter os 61,1 mil hectares destinados ao plantio da cultura na safra passada para este ano.

Na Região Sudeste, o trigo também tem certa relevância, especialmente na rotação de culturas com outras graníferas, como a soja.

Em Minas Gerais, a previsão é que sejam destinados um pouco mais de 86 mil hectares à triticultura nesta temporada.

Em São Paulo, as operações de plantio estão avançando, especialmente no sudoeste do estado, na região do Vale do Paranapanema, que semeou toda área prevista para a localidade. Ao todo, são esperados cerca de 85,5 mil hectares destinados à triticultura paulista nesta safra.

Na Região Centro-Oeste, as condições já estão bem adiantadas, especialmente nas lavouras de trigo manejadas em sistema de sequeiro. Goiás, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal disporão de área para tal cultivo,



devendo totalizar 65,6 mil hectares em toda a região.

Na Região Nordeste, há uma intenção de plantio na Bahia, com previsão de 3 mil hectares semeados a partir de junho, em condição irrigada.



Foto 26– Lavoura de trigo Sequeiro - DF

Fonte: Conab.

Foto 27 – Trigo sequeiro em Padre Bernardo - GO



Fonte: Conab.



Foto 28– Trigo sequeiro em Padre Bernardo - GO

Fonte: Conab.



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

Para a safra total do amendoim nesta safra 2020/21, estima-se um aumento de 3,2% na área em relação com o ciclo anterior, e uma produção de 597 mil toneladas, 7,1% maior que a safra passada.

Na Paraíba, as áreas que em anos anteriores ficaram em torno de 624 hectares, na safra atual apresenta o total de 724 hectares, tendo assim um aumento de 16,7%.

Em São Paulo, como essa cultura entra como rotação com a cultura da cana-de-açúcar, é importante que as cultivares de amendoim sejam de ciclo compatível com a duração do período de rotação do canavial.

Aproximadamente 80% das lavouras de amendoim nesse estado são plantadas nos intervalos de renovação da cana-de-açúcar. A cultura é rica em nitrogênio e, dessa forma, fornece esse e outros nutrientes ao solo, por meio da palhada, beneficiando a cultura da cana-de-açúcar. Também é bastante resistente às pragas, como os nematoides, ajudando a diminuir significativamente a infestação nas áreas onde é plantado.

O constante melhoramento genético de variedades rasteiras, que proporcionam maior produtividade das lavouras, isso tem sido um dos motivos fundamentais para o aumento da produtividade/produção do amendoim produzido no estado. A cultura teve na presente safra



2020/21 um atraso no plantio em razão das poucas chuvas que ocorreram entre agosto e início de novembro de 2020. O plantio ocorreu a partir da segunda quinzena de novembro e estendeu-se até metade de dezembro de 2020.

No momento, a colheita atingiu em torno de 70% da cultura de primeira safra, e a projeção de produtividade em torno de 150 sacas/ha, ou seja, 3.668 kg/ha, um pequeno aumento em relação à safra passada. Com relação à área, para o amendoim primeira safra, houve aumento em relação à safra passada em 4,2%.

No Paraná, com a colheita já praticamente encerrada, a produtividade mantém-se abaixo do desempenho da safra anterior, mas ainda dentro da média histórica, apesar do deficit hídrico durante o desenvolvimento da cultura. No geral, a produção é para a subsistência, sendo o excedente comercializado com empacotadores ou com pequenas fábricas de doces regionais. Cerca de metade da produção já está comercializada. O preço atual está em torno de R\$ 90 a saca, cerca de 60% superior ao mesmo período do ano passado.



QUADRO 8 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS GERAIS E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
	Média Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva
	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		

UF	Mesorregiões	Trigo - Safra 2020						
		OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
SP	Araçatuba	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Araraquara	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Assis	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Bauru	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Marília	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Presidente Prudente	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Ribeirão Preto	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	São José do Rio Preto	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C

Nota: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

GERGELIM

Para esta safra 2020/21, a estimativa é de uma área plantada de 161,1 mil hectares, e produção de 111,1 mil toneladas, dessa forma, há uma previsão de retração na área de 7,9% e um incremento na produção de 16%.

No Mato Grosso, o gergelim, após algumas safras de crescimento exponencial, parece se estabilizar neste momento, vislumbrando uma ruptura com a tendência de incremento de área e observando um leve recuo na safra 2020/21, na ordem de 8,1%, sendo semeados 158,1 mil hectares.

A cultura apresenta como vantagem o fato de ser mais rústica e resistente ao clima mais seco na segunda safra estadual, adaptando-se muito bem em Mato Grosso. Além disso, o fato de a janela de plantio ter sido mais



curta para a segunda safra estadual, favoreceu sua opção. No entanto, aspectos como o resultado adverso obtido na temporada passada, problemas com sementes e com o manejo - ainda incipientes para a cultura - inibiram a opção pelo gergelim na atual safra, em especial entre os novos entrantes neste mercado, os quais padeceram com as adversidades na safra passada.

Espera-se que, para este ciclo, a produtividade média seja mais elevada para a cultura para o estado, acima dos 548 kg/ha, obtidos na temporada passada, sendo tal rendimento inicialmente projetado em torno de 693 kg/ha. Com o plantio finalizado, as lavouras têm apresentado condições favoráveis, e seu estágio predominante é o de desenvolvimento vegetativo.

As condições climáticas têm sido favoráveis à cultura e, ao contrário de parte das opções de segunda safra, por exemplo, o milho, o clima não deve ser um problema para o gergelim, mais resistente ao clima mais seco.

GIRASSOL

A estimativa para a safra 2020/21 é de retração na área plantada. A previsão é que sejam cultivados 31,5 mil hectares, que, comparados com os cultivados na safra anterior, equivalem à retração de 34,4% na área.

A Região Centro-Oeste é a principal produtora de girassol. Além da extração do óleo, é comum sua utilização na alimentação animal e humana.

Em Mato Grosso, com a semeadura do girassol encerrada em março, as lavouras têm apresentado boa qualidade nutricional e sanitária em



sua fase inicial, predominantemente em estágio de desenvolvimento vegetativo.

As chuvas têm sido favoráveis à cultura do girassol até este momento. É importante destacar a relevante retração no espaço alocado à cultura no atual ciclo, em que apenas 8,5 mil hectares foram semeados no estado, com queda de 66,3% em relação à área plantada, na temporada passada, de 25,2 mil hectares.

A cultura tem sofrido com a concorrência com as demais culturas de segunda safra, especialmente o milho, cujas rentabilidades, liquidez e facilidade na negociação têm induzido o produtor a optar pela cultura.

Estima-se comercialização de aproximadamente 95% da produção esperada.

Em Goiás, esta cultura, dentro de 30 dias começará a fase de florescimento. A área estimada segue em 20 mil hectares no estado, com produtividade média ajustada para 1.800 kg/ha em virtude das condições adversas de clima nas principais regiões produtoras.

As regiões produtoras estão situadas próximas à principal indústria compradora no sul do estado. No sudoeste goiano algumas áreas deixaram de serem semeadas em razão do atraso da colheita da soja, tornando-se um risco ao plantio dentro de uma janela ideal (até 15 de março).

O produto tem destinação para fabricação de óleo e para ração de animais, e estima-se que 90% da produção esteja comercializada. Cultivares com desenvolvimento radicular profundo são mais adaptadas às condições adversas.



Em Minas Gerais, a maior contratante junto aos produtores mineiros já relatou que tem interesse de trabalhar no mercado mineiro novamente.

A safra será mais bem avaliada dentro de dois meses, período em que o plantio estará mais efetivo no estado.

Há sinais de maior contratação e, já neste levantamento, uma pequena área sinaliza o retorno do plantio na cidade de Tupaciguara.

No Distrito Federal, a cultura se encontra em desenvolvimento vegetativo, com área registrada neste levantamento em 700 hectares, a expectativa de produtividade média é de 2.260 kg/ha, configurando, portanto, uma produção de 1,6 mil toneladas.

A produção local é destinada totalmente ao comércio local, onde é vendida no varejo para alimentação de aves ornamentais.

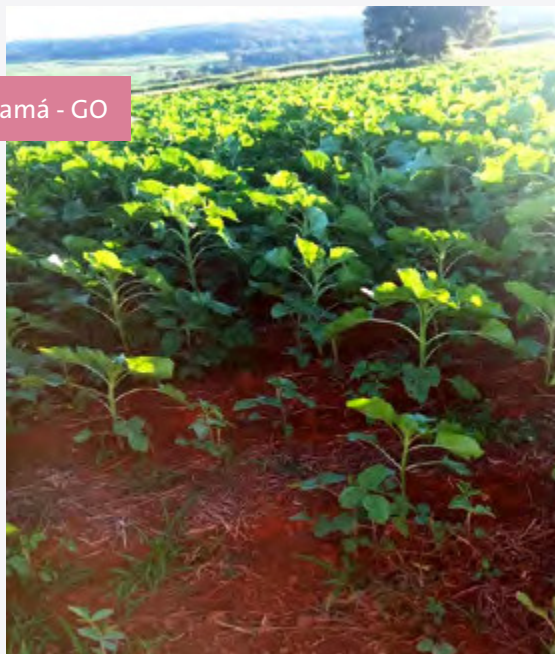


Foto 29 – Lavoura de girassol - DF

Fonte: Conab.



Foto 30 – Lavoura de Girassol em Panamá - GO



Fonte: Conab.

MAMONA

A estimativa para a safra 2020/21 é de incremento na área plantada. A previsão é que sejam cultivados 47,4 mil hectares, que, comparados com os cultivados na safra anterior, equivalem a aumento de 4,2% na área.

O Nordeste é a principal região produtora, com destaque para a Bahia. Estima-se incremento de área para o Nordeste em 4,6%, e retração na produção de cerca de 12,3%.

Na Bahia, apesar da estiagem do início do ano, as lavouras não se encontravam debilitadas ou estressadas. As chuvas de março auxiliaram no desenvolvimento e recuperação das plantas. Por isso, caso as condições climáticas permaneçam favoráveis nas próximas semanas, acredita-se que as lavouras possam alcançar boa produção nesta safra.



Em Mato Grosso, a área alocada à mamona segunda safra limita-se a 2 mil hectares no atual ciclo, área próxima à semeada na temporada passada, de 2,1 mil hectares.

Seu plantio ocorreu em março e o seu estágio predominante, neste momento, é de desenvolvimento vegetativo. Apesar de seu potencial agrônômico, a mamona tem sua expansão limitada pela concorrência com as demais culturas de segunda safra, tendo ainda caráter incipiente em manejo e tecnologia, e ainda não se dissemina no estado.

SORGO

Para a safra total 2020/21, a previsão é de 2,76 milhões de toneladas, 10,5% maior que a safra anterior, em uma área de 842,4 mil hectares, incremento de 0,8% em relação à safra anterior.

No Pará, do sorgo cultivado, parte é usada para cobertura de solo e parte para ração animal. A intenção de plantio de sorgo para a produção de grãos é praticamente a mesma da última safra, com um aumento discreto de 1,6% na área.

Em Tocantins, a cultura do sorgo neste ano- safra teve uma evolução em área semeada em torno de 15,5%. A produção está estimada em um aumento de 7,2% em relação à safra passada. O produtor optou pela alternativa de cultivar esse produto por ser uma cultura de ciclo mais curto e ter certa tolerância ao deficit hídrico, principalmente nas áreas que seriam destinadas ao cultivo do milho segunda safra. O produtor opta pelo cultivo do sorgo também para fazer rotação de cultura e formação de



palhada, e, economicamente falando, a produção é destinada à indústria de ração animal.

No momento, o clima vem contribuindo para o bom crescimento e desenvolvimento da cultura.

No Maranhão, a cultura do sorgo é culta na região sul do estado, imediatamente após a colheita da soja e o plantio de milho segunda safra. Devido ao menor interesse de cultivo, a área total semeada apresentou redução de 7,5%, com 9,8 mil hectares.

No Piauí, a lavoura é plantada como cultura de segunda safra, em sucessão à soja. O plantio nesse estado ocorre no final de março. A previsão de área plantada na safra 2020/21 é de 10,5 mil hectares, 63,1% menor que a área da safra anterior, com os produtores optando por plantar maiores áreas de milho segunda safra. A cultura se encontra em estágio vegetativo e é considerada em boas condições. A produtividade esperada está em torno 2.067 kg/ha.

No Rio Grande do Norte, a cultura do sorgo com dupla aptidão vem se tornando uma das principais alternativas de alimentos volumosos para os rebanhos, sobretudo os bovinos, já que a maior parte da produção da planta vai para ração animal (forragem). Como o levantamento considera somente o sorgo granífero, estima-se na presente safra uma área de 428 hectares, contra 600 hectares da safra passada, ou seja, uma redução de 28%. A produção estimada do grão será 50% menor que a safra 2020.

Na Paraíba, por fatores econômicos, o produtor paraibano tradicionalmente explora o sorgo forrageiro, destinado a formação de silagem para consumo dos seus rebanhos. Em relação ao sorgo granífero,



a cultura registrou na safra 2020 a área de 150 hectares, e foram implantadas nesta safra 140 hectares, com o patamar de produtividade esperada em 1.500 kg/ha.

Na Bahia, todo o plantio já foi finalizado em abril. Há uma previsão de redução de 20,1% na área plantada, e de 16% na produção.

No extremo-oeste, o plantio foi iniciado em sucessão à colheita da soja e já foi finalizado, apresentando um bom desenvolvimento. As lavouras se desenvolvem sem problemas de pragas e doenças, mas com limitação de produtividade devido à irregularidade das chuvas.

Em toda a região centro-norte, algumas áreas serão destinadas para silagem, uma vez que a expectativa de produção de grãos é baixa. Por outro lado, restam lavouras ainda em desenvolvimento, que foram beneficiadas com as últimas chuvas, logo, é possível que haja produção nessas áreas.

No centro-sul, algumas áreas de sorgo foram implantadas em locais mais favorecidos do ponto de vista climático, como encostas de serra. Assim, permanece o desenvolvimento dessas lavouras e a perspectiva de produção. Contudo, a maior parte dos cultivos apresenta plantas pouco desenvolvidas, que provavelmente também serão utilizadas para silagem.

Em Mato Grosso, com o plantio encerrado em abril, observa-se a confirmação do aumento de área alocada ao sorgo nesse estado na ordem de 5,8%, passando de 46,6 mil hectares para 49,3 mil hectares. Com a conjuntura de atraso do plantio do milho e de encurtamento na janela de segunda safra, registra-se este aumento na área plantada com sorgo, cultura mais resistente ao clima seco. O fato de o sorgo ser um bom



substituto ao milho na alimentação animal faz com que sua cotação se correlacione à do milho, cujos valores registram recordes, o que promove, consequentemente, também a elevação dos preços do sorgo. Observa-se também uma crescente procura por sementes certificadas e de melhor qualidade, em detrimento daquelas cujo potencial produtivo é menor, o que deve contribuir para um melhor desempenho das lavouras. Seu estágio predominante no fechamento de abril é o de desenvolvimento vegetativo.

Em Mato Grosso do Sul, o cultivo do sorgo consolidou-se como o maior aumento percentual de área em relação à safra passada, atingindo 169% de crescimento. Esse fato deve-se à valorização do preço do grão, que é atrelado ao do milho e à maior rusticidade da cultura, principalmente com relação ao estresse hídrico.

Todos os cultivos do estado estão em desenvolvimento vegetativo e vem suportando a seca sem indicar perdas, até o momento. Foi relatado em alguns municípios a necessidade de aplicação de inseticidas para controle de pulgão (*Schizaphis graminum*), cigarrinhas e de lagarta (*Spodoptera frugiperda*). Os controles estão apresentando boa eficiência e não estão ocorrendo reinfestações a curto prazo.

Em Goiás, a previsão é de aumento de 2% na área plantada. A cultura está com 80% das áreas na fase de desenvolvimento vegetativo e 20% na fase reprodutiva, com boa sanidade. Por ser uma cultura mais tolerante à seca, a cultura ainda não sofreu tanto com as adversidades em seu ciclo, até o momento. A produtividade média tende a ser reajustada para baixo caso não ocorra chuvas nas próximas semanas. Em algumas regiões ocorreu grande porcentagem de plantio de sorgo já durante abril, e essas áreas provavelmente terão sua produtividade comprometida. Outros casos



pontuais foram relatados de plantio de sorgo apenas para cobertura de solo devido ao atraso na semeadura.

Houve relatos de ataques de pulgão nas lavouras de sorgo em alguns municípios, porém diferentemente do que ocorreu durante a safra passada, o controle do inseto tem sido mais imediato e eficiente para evitar as perdas observadas no último ano.

No Distrito Federal ficou registrado uma redução de 1% na área cultivada. O plantio está concluído, e as lavouras se encontram em pleno estágio de desenvolvimento vegetativo. A área plantada é estimada em 9.800 hectares, ante os 9.900 hectares plantados na temporada passada, cuja produção deve alcançar 47.300 toneladas, 4,1% inferior à produção da safra anterior.

Em Minas Gerais, as áreas de sorgo confirmam um leve aumento desde a última estimativa. Há previsão de um incremento na ordem de 5,5% na área, estimada em 211,7 mil hectares.

Em São Paulo, a cultura do sorgo sinaliza estabilidade na área em relação à safra anterior. Assim como nas principais regiões produtoras desse cereal no país, o principal fator limitante das culturas implantadas no outono-inverno é a disponibilidade hídrica. Há a escassez e a distribuição irregular nesse período do ano, onde a falta de chuva causa um elevado risco de perda de produtividade do cereal e de outras culturas graníferas, devido as deficiências hídricas que geralmente ocorre nas fases críticas de desenvolvimento das culturas.



QUADRO 10 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda – Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
	Média Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva
			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Sorgo - Safra 2020/21								
		DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano			PS	S/E/DV	DV/F	F	F/EG	EG/M	M/C
	Vale São-Franciscano da Bahia	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
MS	Leste de Mato Grosso do Sul			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Nordeste Mato-grossense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MT	Sudeste Mato-grossense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Centro Goiano			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
GO	Leste Goiano			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sul Goiano			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
DF	Distrito Federal			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Noroeste de Minas			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
SP	Ribeirão Preto			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C

Nota: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL